

EEEFM CÂNDIDA PÓVOA



# Livro de Contos



Projeto  
"Conte um Conto"

8<sup>o</sup> ANO



ORGANIZAÇÃO

**Prof. Josimar  
Rodrigues**

E.E.E.F.M. Cândida Póvoa

# LIVRO DE CONTOS

8º Ano

Projeto "Conte um Conto"

Apiacá  
2023

**E.E.E.F.M. Cândida Póvoa**

**Apiacá - ES**

*Superintendência Reginal de Educação Comendadora  
Jurema Moretz Sohn - Guaçuí*

*Secretaria do Estado de Educação*

2023

**Capa, Seleção, Organização e Diagramação**

Josimar de Souza Rodrigues Junior

*contato@josimar.com.br*

Josimar Rodrigues  
<https://josimar.com.br>

Josimar Rodrigues  
<https://josimar.com.br>

Contos de fada não dizem às crianças que dragões  
existem. Crianças já sabem que dragões existem.  
Contos de fada dizem às crianças que dragões  
podem ser mortos.

*G. K. Chesterton*

Josimar Rodrigues  
<https://josimar.com.br>

## O ANEL DE BRONZE

### Traditions Populaires<sup>1</sup>

Há muitos e muitos anos, em um reino distante, vivia um rei cujo palácio era cercado por um vasto jardim. No entanto, ainda que fossem muitos os jardineiros e o solo fosse bom, o jardim não dava flores, frutos, grama ou árvores sombrosas. O rei já não tinha esperanças a respeito do jardim, quando um velho sábio lhe disse:

– Vossos jardineiros não conhecem o ofício: mas o que podeis esperar de homens cujos pais eram sapateiros e carpinteiros? Como poderiam ter aprendido a cuidar de vosso jardim?

– Tens razão - lamentou o rei.

– Por isso - prosseguiu o velho - deveis mandar buscar um jardineiro cujos pai e avô, antes dele, tenham sido jardineiros, e dentro de pouco tempo vosso jardim estará recoberto de grama verdejante e de belas flores, e saboreareis deliciosos frutos.

Então, o rei enviou mensageiros a todas as cidades, vilarejos e vilas do reino para buscar um jardineiro cujos antepassados também tivessem sido jardineiros, e, após quarenta dias, encontraram um homem.

– Vem conosco e serás jardineiro do rei - disseram-lhe.

– Como um pobre coitado como eu - disse o jardineiro - poderei ir ter com o rei?

– Isso não importa - responderam-lhe. - Cá estão novas roupas para ti e para tua família.

– Mas devo dinheiro a várias pessoas.

---

<sup>1</sup> Traditions Populaires de l'Asie Mineure, Carnoy et Nicolaidès, Paris, Maisonneuve, 1889;

– Pagaremos teus débitos – disseram.

Assim, o jardineiro deixou-se convencer e foi-se com os mensageiros, levando consigo a esposa e o filho. O rei, satisfeito por ter encontrado um jardineiro de verdade, confiou-lhe o cuidado de seu jardim. O homem não teve dificuldade em fazer com que o jardim real produzisse flores e frutos: no fim de um ano o parque já não era o mesmo, e o rei encheu o novo criado de presentes.

O jardineiro, como sabeis, tinha um filho; um belo rapaz, de modos agradáveis e que todo dia levava para o rei o melhor fruto do jardim e para sua filha as mais belas flores. Ora, a princesa era incrivelmente bela e tinha apenas dezesseis anos. O rei começara a crer que já estava na hora de ela unir-se em matrimônio.

– Querida filha – disse o rei –, estais na idade de casar, e por isso estou pensando em fazer-vos esposa do filho do primeiro-ministro.

– Pai – respondeu a princesa –, nunca desposarei o filho do ministro.

– Por que não? – perguntou o rei.

– Porque amo o filho do jardineiro – respondeu a princesa.

Ao ouvir isso, o rei ficou muito zangado. Depois chorou e suspirou, e declarou que tal marido não era digno de sua filha. A jovem princesa, todavia, não voltou atrás na decisão de desposar o filho do jardineiro. A essa altura, o rei consultou seus ministros.

– Eis o que Vossa Alteza deve fazer – disseram. Para vos livrardes do jardineiro, deveis enviar ambos os pretendentes a um país distante, e aquele que primeiro retornar deverá casar-se com vossa filha.

O rei seguiu esse conselho. Presenteou o filho do ministro com um cavalo esplêndido e com uma bolsa cheia de moedas de ouro, ao passo que o filho do jardineiro

---

---

---

ganhou apenas um cavalo coxo e uma bolsa repleta de moedas de cobre. Todos pensavam que nunca retornaria da viagem.

Na véspera da partida, a princesa encontrou seu bem-amado e recomendou-lhe:

– Sê bravo e lembra sempre que te amo. Toma esta bolsa cheia de joias e dá a elas o melhor uso que puderes por amor de mim, volta logo e exige minha mão.

Os dois pretendentes deixaram a cidade juntos, mas o filho do ministro disparou a galope em seu maravilhoso cavalo, e logo sumiu de vista, por trás dos montes distantes. Viajou por alguns dias e acabou por alcançar uma fonte ao lado da qual se encontrava uma velha vestida em trapos, sentada em uma pedra.

– Bom dia, jovem viajante – saudou-o a anciã.

O filho do ministro, no entanto, nada respondeu.

– Tem dó de mim, viajante – dirigiu-se a ele novamente. – Estou morrendo de fome; como vês, há três dias estou aqui e ninguém nada me deu.

– Deixa-me em paz, velha bruxa! – exclamou o jovem.

– Nada posso fazer por ti – e, ao dizê-lo, tomou seu rumo.

Naquela mesma tarde, o filho do jardineiro chegou à fonte em seu cinzento cavalo coxo.

– Bom dia, jovem viajante – saudou-o a mendiga.

– Bom dia, boa mulher – respondeu.

– Jovem viajante, tem dó de mim.

– Toma minha bolsa, boa mulher – disse o jovem –, e monta na minha garupa, pois tuas pernas não devem ser muito fortes.

A velha não esperou uma segunda oferta, montou atrás do jovem, e, assim, dessa maneira, chegaram à principal cidade de um poderoso reino. O filho do ministro estava hospedado em uma boa estalagem; o filho do jardineiro e a anciã repousaram em uma estalagem para pedin-

---

---

---



tes. No dia seguinte, o filho do jardineiro ouviu um grande clamor na rua. Os arautos do rei passavam, tocando todo tipo de instrumentos e bradando:

– O rei, nosso senhor, está velho e enfermo. Concederá grande recompensa a quem quer que o cure e o faça recuperar o vigor da juventude.

Então a velha mendiga aconselhou a seu benfeitor:

– Eis o que deves fazer para obter a recompensa prometida pelo rei. Sai da cidade pelo portão sul e lá encontrarás três cachorrinhos de cores diferentes. O primeiro é branco, o segundo negro e o terceiro acobreado. Deverás matá-los, depois incinerá-los separadamente e juntar as cinzas. Coloque as cinzas em sacos da mesma cor de cada cãozinho, depois vai para a frente do palácio e diz bem alto: “Chegou um médico famoso de Janina, na Albânia. Só ele poderá curar o rei e devolver-lhe o vigor da juventude”. Os médicos do rei dirão: “Este é um impostor e não um sábio”, e criarão todo tipo de dificuldades, mas ao fim tu os superarás a todos, e te apresentarás diante do rei enfermo. Deverás, então, pedir tanta madeira quanto três mulas consigam carregar e um grande caldeirão, trancar-te-ás em um quarto com o sultão e, quando o caldeirão ferver, deverás lançá-lo dentro e aí deixá-lo até que suas carnes estejam completamente separadas dos ossos. Então, disporás os ossos nos devidos lugares e sobre eles lançarás as cinzas dos três saquinhos. O rei voltará à vida e terá a mesma aparência de quando tinha vinte anos de idade. Como recompensa, deverás exigir-lhe o anel de bronze que tem o poder de dar tudo o que desejares. Vai, meu filho, e não te esqueças de nenhuma de minhas instruções.

O jovem seguiu as instruções da velha mendiga. Ao sair da cidade, encontrou os cãesinhos branco, acobreado e negro, matou-os a todos e os queimou, juntando as cinzas em três sacos. Correu ao palácio e proclamou:

– Um médico famoso de Janina, na Albânia, acaba de

chegar. Somente ele poderá curar o rei e trazer-lhe de volta o vigor da juventude.

Os médicos do rei, inicialmente, riram do viajante desconhecido, mas o sultão ordenou que o estrangeiro fosse acolhido. Trouxeram o caldeirão, o carregamento de madeira, e em pouco tempo o rei estava fervendo. Perto do meio-dia, o filho do jardineiro dispôs os ossos nos devidos lugares, e, mal havia lançado sobre eles as cinzas, o rei voltou à vida, encontrando-se novamente jovem e saudável.

– Como poderei recompensar meu benfeitor? – exclamou. – Gostarias da metade de meus tesouros?

– Não – disse o filho do jardineiro.

– Gostarias da mão de minha filha?

– Não.

– Fica com a metade de meu reino.

– Não. Dá-me somente o anel de bronze que pode conceder instantaneamente qualquer coisa que eu deseje.

– Ai de mim! – disse o rei. – Dou muito valor a este maravilhoso anel; no entanto, deverás possuí-lo.

E deu o anel ao rapaz.

O filho do jardineiro voltou para despedir-se da velha mendiga; então, disse ao anel de bronze:

– Apronta um esplêndido navio para que possa continuar minha jornada. Que o casco seja de puro ouro, os mastros de prata e as velas de brocado. Faz que a tripulação seja de doze jovens de aspecto nobre, vestidos como reis, e que São Nicolau esteja na direção. Quanto à carga, que seja de diamantes, rubis, esmeraldas e granadas orientais.

Imediatamente surgiu um navio no mar que em todos os detalhes se assemelhava à descrição feita pelo filho do jardineiro, que, ao entrar a bordo, continuou a jornada. Dentro de pouco, chegou a uma grande cidade e estabeleceu-se em um magnífico palácio. Alguns dias depois encontrou seu rival, o filho do primeiro-ministro, que gas-

tara todo o dinheiro que tinha e fora reduzido à desagradável tarefa de catador de pó e de lixo. O filho do jardineiro perguntou-lhe:

– Qual é teu nome? Qual é tua família? De que país vieste?

– Sou o filho do primeiro-ministro de uma grande nação, e, no entanto, vê a que ocupação degradante estou reduzido.

– Ouve: embora não saiba muito a teu respeito, estou disposto a ajudar-te. Dar-te-ei um navio para que voltes a teu país, com uma única condição.

– Qualquer que ela seja, aceito-a de boa vontade.

– Segue-me até ao palácio.

O filho do primeiro-ministro seguiu o rico desconhecido, a quem não tinha identificado. Ao chegar ao palácio, o filho do jardineiro acenou aos escravos para que despissem o recém-chegado.

– Ponham este anel em brasa – ordenou o mestre – e marquem este homem nas costas.

Os escravos lhe obedeceram.

– Agora, jovem – disse o rico desconhecido –, dar-te-ei uma embarcação que te levará de volta ao teu país.

Ao sair, tomou nas mãos o anel de bronze e disse:

– Anel de bronze, obedece a vosso mestre. Prepara-me um navio de madeira apodrecida pintado de preto, com velas em farrapos e marinheiros enfermos e adoentados. Um deverá ter perdido uma perna, outro um braço, o terceiro será um corcunda, outro ainda deverá ser manco, ter perna de pau ou ser cego. Todos deverão ser horrendos e cobertos de cicatrizes. Vai, e faze com que minhas ordens sejam executadas.

O filho do primeiro-ministro embarcou nesse navio velho e, graças aos ventos favoráveis, finalmente chegou a

seu país. Apesar das condições deploráveis em que retornou, foi recebido com alegria.

– Sou o primeiro a voltar – disse ele ao rei –; agora cumpri vossa promessa e dai-me a mão da princesa em matrimônio.

Desse modo, imediatamente começaram a preparar os festejos das bodas. A pobre princesa, contudo, estava triste e furiosa com isso.

Na manhã seguinte, ao raiar do dia, um maravilhoso navio de velas veio a ancorar na cidade. Calhou de o rei estar, naquele momento, na janela do palácio.

– Que navio estranho – exclamou: – casco dourado, mastros de prata e velas de seda. Quem são os jovens príncipes que o tripulam? Não é que vejo São Nicolau ao leme? Partam imediatamente e convidem o capitão do navio para vir ao palácio.

Os servos lhe obedeceram, e logo apareceu um jovem príncipe esplendorosamente belo, vestido em fina seda, ornamentada com pérolas e diamantes.

– Meu jovem – cumprimentou-o o rei –, és bem-vindo, quem quer que sejas. Faz-me o favor de ser meu convidado enquanto estiveres na capital.

– Mui agradecido, Alteza – respondeu o capitão –, aceito vossa oferta.

– Minha filha está para casar-se – disse o rei –; gostarías de entregá-la ao noivo no altar?

– Ficaria encantado, Vossa Alteza.

Logo após, chegaram a princesa e o noivo.

– Ora, como assim!? – exclamou o jovem capitão. – Vossa Alteza casaria esta encantadora princesa com tal homem?

– Mas é o filho de meu primeiro-ministro!

– Que importa? Não posso entregar vossa filha no

altar. O homem a quem ela está prometida é um de meus servos.

– Vosso servo?

– Sem dúvida. Encontrei-o em uma cidade distante rebaixado a catador de pó e de lixo das casas. Tive pena dele e o recebi como a um de meus servos.

– Isso é impossível! – bradou o rei.

– Vossa Alteza gostaria que comprovasse o que digo? Este jovem retornou em uma embarcação que lhe forneci, um navio de casco preto deteriorado, incapaz de navegar longe, com marinheiros enfermos e aleijados.

– Isso é verdade – disse o rei.

– É mentira – disse o filho do primeiro-ministro. – Não conheço esse homem!

– Senhor – disse o jovem capitão –, ordenai que o noivo de vossa filha seja despido e vede se a marca de meu anel não está ferrada em suas costas.

O rei estava para dar as ordens, quando o filho do primeiro-ministro, para poupar-se de tamanha indignidade, admitiu ser verdadeira a história.

– E agora Vossa Alteza não me reconhece? – disse o jovem capitão.

– Eu te reconheço – disse a princesa –, és o filho do jardineiro a quem sempre amei e é a ti que desejo desposar.

– Jovem, serás meu genro – exclamou o rei. – As festividades das bodas já começaram; portanto, deverás desposar minha filha hoje mesmo.

E assim, naquele mesmo dia, o filho do jardineiro se casou com a bela princesa.

Vários meses se passaram. O jovem casal estava extremamente feliz, e o rei cada vez mais satisfeito consigo por ter conseguido um genro como aquele. No entanto, dentro de pouco o capitão do navio dourado viu ser necessá-

---

---

---

rio fazer uma longa viagem e, após abraçar ternamente a mulher, partiu.

Ora, nas redondezas da capital vivia um velho, que passara a vida a estudar as artes das trevas - alquimia, astrologia, mágica e encantamentos. Esse homem descobriu que o filho do jardineiro só tinha conseguido casar-se com a princesa com a ajuda de um gênio que obedecia ao anel de bronze.

– Hei de ter esse anel - disse a seus botões. Então, foi até à beira-mar e pescou uns peixinhos vermelhos. Na verdade, eram muito bonitinhos. Ao retornar, passou diante da janela da princesa e começou a falar bem alto:

– Quem quer lindos peixinhos vermelhos?

A princesa o ouviu e enviou suas escravas, que perguntaram ao velho mascate:

– Quanto queres pelos peixes?

– Um anel de bronze.

– Um anel de bronze, velho parvo?! E onde acharei um anel assim?

– Debaixo da almofada no quarto da princesa.

As escravas retornaram à senhora.

– O velho louco não quer ouro nem prata - disse uma delas.

– O que ele quer, então?

– Um anel de bronze que está escondido debaixo de uma almofada.

– Acha o anel e dá-lho tu a ele - disse a princesa.

Por fim, a escrava achou o anel de bronze que o capitão do navio dourado, por acidente, esquecera e o levou até ao homem, que fugiu em um instante.

Tão logo chegou à sua casa, o velho tomou o anel e disse:

– Anel de bronze, obedece a vosso mestre. Desejo que

o navio dourado se transforme em um navio de madeira escura, e a tripulação em negros terríveis. Que São Nicolau largue o leme, e que a única carga sejam gatos pretos.

O gênio do anel de bronze lhe obedeceu.

Ao ver-se no mar nessa condição miserável, o jovem capitão compreendeu que alguém devia ter-lhe roubado o anel de bronze, e lamentou em alta voz seu infortúnio; mas isso não fez diferença.

– Ai de mim! – disse-se a si mesmo –, quem quer que tenha roubado meu anel provavelmente levou consigo minha querida mulher. Que benefício poderia ter em retornar a meu país?

E velejou de ilha em ilha, de costa em costa, acreditando que em qualquer lugar a que fosse todos estariam rindo-se dele, e logo sua pobreza era tão grande, que ele, a tripulação e os pobres gatos pretos nada tinham para comer senão ervas e raízes. Depois de muito vagar, chegou a uma ilha habitada por camundongos. O capitão ancorou na costa e começou a explorar o terreno. Os camundongos estavam em todo lugar, e não havia senão camundongos. Alguns dos gatos pretos o seguiram e, por não terem alimento fazia vários dias, estavam terrivelmente famintos, causando um tremendo estrago entre os ratos.

A rainha dos camundongos reuniu um conselho.

– Esses gatos nos devorarão a todos – disse – se o capitão do navio não prender esses animais ferozes. Envie-mos-lhe uma delegação dos mais bravos de nós.

Vários camundongos se ofereceram para tal missão e partiram para encontrar o jovem capitão.

– Capitão – disseram –, parte rapidamente desta ilha ou perecerá cada um de nós, camundongos.

– Com prazer – respondeu o jovem capitão –, com uma condição. Antes, que tragais de volta o anel de bronze que algum mago hábil roubou de mim. Se não o fizerdes,

desembarcarei todos os meus gatos em vossa ilha e sereis exterminados.

Os camundongos partiram consternados.

– O que devemos fazer? – inquiriu a rainha. – Como encontraremos esse anel de bronze?

Convocou um novo conselho, chamando os ratos de todos os cantos do globo, mas ninguém sabia onde estava o anel de bronze.

De repente, chegaram três camundongos de um país muito distante. Um deles era cego, o segundo era coxo, e o terceiro tinha as orelhas cortadas.

– Ho, ho, ho! – disseram os recém-chegados – viemos de um país muito distante.

– Vós sabeis onde está o anel de bronze que submete o gênio?

– Ho, ho, ho! Sabemos. Um velho feiticeiro o possui agora. Mantém-no dentro do bolso durante o dia e dentro da boca durante a noite.

– Ide e tomai-o dele. Voltai assim que puderdes.

Assim, os três camundongos construíram um barco e partiram para a terra do feiticeiro. Ao chegarem à capital, atracaram e correram para o palácio, deixando no litoral somente o rato cego para tomar conta do barco. Esperaram até o anoitecer. O velho malvado deitou-se na cama, pôs o anel de bronze na boca e logo caiu no sono.

– O que faremos agora? – disse um animal ao outro.

O camundongo de orelhas cortadas encontrou uma lamparina cheia de óleo e um frasco cheio de pimenta. Então, mergulhou o rabo primeiro no óleo e depois na pimenta, e o enfiou no nariz do feiticeiro.

– Atchim! Atchim! – espirrou o velho, mas não acordou. O espirro fez com que o anel de bronze pulasse de sua boca. Rapidamente o camundongo coxo arrebatou o precioso talismã e levou-o para o barco.

---

---

---



Podeis imaginar o desespero do mago quando acordou e não encontrou o anel de bronze em nenhum lugar! Entretanto, nesse momento os três ratinhos tinham zarpado com seu prêmio. Uma brisa favorável os levou para a ilha onde a rainha dos camundongos os esperava. Naturalmente, começaram a falar sobre o anel de bronze.

– Quem de nós merece maior crédito? – bradaram ao mesmo tempo.

– Eu – disse o rato cego –, porque sem minha vigilância nosso barco se afastaria para mar aberto.

– Claro que não – berrou o rato de orelhas cortadas –, o crédito é meu. Não fui eu o que fez o anel pular da boca do homem?

– Não, o crédito é meu – exclamou o rato coxo –, fui eu o que correu com o anel.

E dos berros logo vieram os socos, e, que azar! quando a briga estava no auge, o anel de bronze caiu no fundo do mar.

– Como poderemos encarar nossa rainha? – disseram os três ratos. – Ao perdermos, por tolice, o talismã, condenamos nosso povo ao extermínio total. Não podemos voltar a nosso país, aportemos nesta ilha deserta e deixemos que aqui terminem nossos miseráveis dias.

Dito e feito. O barco chegou a tal ilha e os ratos desembarcaram. O camundongo cego foi rapidamente desertado pelos outros dois, que partiram para caçar moscas. No entanto, enquanto vagava triste pelo litoral, o rato cego encontrou um peixe morto, e estava a comê-lo quando sentiu alguma coisa dura. Ao ouvirem os gritos, os outros dois camundongos chegaram correndo.

– É o anel de bronze! É o talismã! – gritaram alegremente, e, ao subirem de novo no barco, logo chegaram à ilha dos camundongos. Chegaram na hora certa, pois o capitão estava justamente desembarcando o carregamento

de gatos quando a delegação dos camundongos lhe trouxe o precioso anel de bronze.

— Anel de bronze – ordenou o jovem –, obedece a vosso mestre. Faze com que meu navio volte a ser como antes.

Imediatamente, o gênio do anel pôs-se a trabalhar, e o velho navio enegrecido transformou-se novamente no maravilhoso navio dourado com velas de brocado; os belos marinheiros correram para os mastros de prata e para as cordas de seda, e logo zarparam para a capital. Ah! como os marinheiros cantavam alegremente ao navegar nas águas transparentes do mar!

Por fim, alcançaram o porto. O capitão desembarcou e correu para o palácio, onde encontrou o velho malvado a dormir. A princesa envolveu o marido em um longo abraço. O mago tentou escapar, mas foi preso e amarrado com cordas fortes.

No dia seguinte, o feiticeiro, amarrado à cauda de um burro selvagem carregado de nozes, foi partido em tantos pedaços quantas eram as muitas nozes no lombo do burro.

Extraído:

LANG, A. **O Fabuloso Livro Azul**. 1. ed. Porto Alegre: Concreta, 2016. v. 1. (Os fabulosos livros coloridos, 1).

Josimar Rodrigues  
<https://josimar.com.br>

## O FOGÃO DE FERRO

Irmãos Grimm

Era uma vez, num tempo em que os desejos tornavam-se realidade, o filho de um rei que fora enfeitiçado por uma velha bruxa e se vira obrigado a ficar num grande fogão de ferro, no meio de um bosque. Lá viveu por muitos anos, e ninguém podia salvá-lo. Por fim, a filha de um rei foi ao bosque; ela estava perdida e não conseguia reencontrar o caminho para o reino de seu pai. Vagou e vagou por nove dias, até que enfim chegou ao fogão de ferro. Perguntou-lhe uma voz vinda dali de dentro:

– De onde vens, e para onde queres ir?

Respondeu ela:

– Perdi o caminho do reino de meu pai; nunca mais conseguirei voltar para casa.

A voz do fogão de ferro disse, então:

– Eu te ajudarei a encontrar a tua casa em pouquíssimo tempo, se prometeres fazer o que te pedirei. Sou filho de um rei muito mais poderoso do que teu pai, e me casarei contigo.

Tomada pelo assombro, pensou ela: “o que uma mocinha poderia fazer com um fogão de ferro?”. Porém, como queria muito voltar para a casa de seu pai, prometeu-lhe fazer como ele desejava. Disse ele:

– Deves retornar e trazer contigo uma faca para raspar um buraco no ferro.

Então deu-lhe uma pessoa como guia, que andava junto dela sem dizer nada e que a levou de volta para casa em duas horas. Foi grande a alegria no castelo quando a

princesa retornou e o velho rei deu-lhe um grande abraço e a beijou. Ainda muito perturbada, porém, ela disse:

– Meu querido pai, escuta só o que me aconteceu! Eu jamais conseguiria sair da floresta e voltar para casa se não fosse por ter encontrado um fogão de ferro, ao qual prometi que voltaria para libertá-lo e desposá-lo!

O velho rei sofreu tamanho sobressalto que quase desmaiou, pois aquela era sua única filha. Eles debateram o assunto e decidiram que a filha do moleiro, que era belíssima, iria no lugar dela. Levaram-na ao local, deram-lhe uma faca e orientaram-na a raspar um buraco no fogão de ferro. Ela o arranhou por vinte e quatro horas, sem qualquer resultado. Quando raiou o dia, disse uma voz de dentro do fogão de ferro:

– Parece-me que já é dia aí fora.

Respondeu ela, então:

– A mim também parece; acho que posso ouvir o moinho do meu pai a trabalhar.

– Então és a filha do moleiro! Vai embora e dize à filha do rei que venha.

Assim, ela foi embora e disse ao velho rei que a coisa dentro do fogão de ferro não queria a ela, mas sim a princesa. O rei apavorou-se e a sua filha caiu em prantos. Havia, porém, a filha do criador de porcos, que era ainda mais bela que a filha do moleiro; deram-na uma moeda de ouro para que ela fosse ao fogão de ferro no lugar da princesa. A moça, então, foi levada até o lugar e teve de arranhar o ferro por vinte e quatro horas, mas não conseguiu nem sequer deixar uma marca. Assim que raiou o dia, a voz de dentro do fogão chamou:

– Parece-me que já é dia aí fora.

Respondeu ela, então:

– A mim também parece; acho que posso ouvir meu pai a tocar o berrante.

— Então és a filha do criador de porcos! Vai embora e dize à filha do rei que venha. Avisa-lhe que se concretizará aquilo que prevejo e que, caso ela não venha, tudo no reinado virará ruína e não restará pedra sobre pedra.

Ao ouvir o recado, a princesa começou a chorar, mas não havia jeito; ela tinha de cumprir a palavra dada. Despediu-se de seu pai, colocou a faca no cinto e tomou o rumo do fogão de ferro no bosque. Mal chegou lá, pôs-se a arrancar o metal; o ferro começou a ceder e, menos de duas horas depois, ela fez um pequeno furo. A princesa então deu uma espiadela pelo buraco e viu um rapaz tão belo, todo reluzente em ouro e pedras preciosas, que apaixonou-se por ele no ato. Ela então passou a arranhar o ferro com tanta avidez e fez um furo tão grande, que ele conseguiu sair dali. Disse o rapaz:

— Pertences a mim tanto quanto pertenco a ti; és a minha noiva e me libertaste!

Ele desejou levá-la consigo para seu reino, mas ela implorou que a deixasse ir uma última vez à casa de seu pai. O príncipe a deixou partir, mas disse-lhe para trocar apenas três palavras com o seu pai e voltar. Assim, ela retornou para casa - todavia, pasmem, falou *mais* que três palavras; no mesmo instante, o fogão de ferro desapareceu e foi parar sobre uma montanha de vidro e de espadas afiadas. O príncipe, contudo, fora libertado e não estava mais preso no fogão. A princesa disse adeus a seu pai e, levando um dinheirinho consigo, adentrou a grandiosa floresta e pôs-se a procurar pelo fogão de ferro; contudo, não conseguia encontrá-lo. Buscou-o por nove dias, até que a sua fome tornou-se tão intensa que ela já não sabia como poderia seguir vivendo. Ao cair da noite, ela subiu numa pequena árvore e desejou que a madrugada não viesse, pois tinha medo dos animais selvagens. Quando virou a meia-noite, avistou ao longe uma luzinha e pensou: “Ah! Se ao menos eu pudesse alcançá-la!”. Desceu da árvore e foi em direção à luz. Chegou a uma velha casinha cercada por

um matagal e deteve-se diante de uma pilha de madeira. Pensou: “Minha nossa! Onde eu vim parar?”, e espiou pela janela; não viu, porém, nada lá dentro além de sapos grandes e pequenos e uma bela mesa posta, com carnes assadas e vinho, e todos os pratos e copos ali dispostos eram de prata. Reuniu coragem e bateu à porta. Um sapo gordo cantou:

*Verde sapinho da perna curvada,  
Abre a portinha e dá uma olhada:  
Descobre quem deu aquela pancada.*

E um sapinho veio ao seu encontro e a convidou para entrar. Quando adentrou a casa, todos lhe deram boas-vindas e ofereceram-lhe assento. Perguntaram-lhe como ela chegara ali e o que desejava. A princesa, então, contou-lhes tudo o que lhe acontecera e como, em razão de ter desobedecido a ordem de falar apenas três palavras, o fogão desaparecera com o príncipe; contou-lhes também que o procurara por muito tempo e que ainda vagaria por vales e montanhas até encontrá-lo.

Disse o velho sapo:  
*Verde sapinho, do pé retorcido,  
Pula até o canto por ti conhecido  
E para mim traz o baú esquecido.*

E o sapinho foi e trouxe-lhe um grande baú. Eles então deram de comer e de beber à princesa e levaram-na a uma cama de seda e brocado, arrumada com capricho, na qual ela se deitou e dormiu como uma pedra. Levantou-se ao raiar do dia, e o velho sapo deu-lhe três objetos tirados do baú, para que os levasse consigo – ela precisaria deles, já que atravessaria uma alta montanha de vidro, passando por três espadas afiadas e um lago vastíssimo. Ao passar por todos esses lugares, ela reencontraria o seu amado. Assim, a princesa ganhou três grandes agulhas, uma roda de arado e três nozes, e devia tomar muito cuidado dessas

coisas. Então, partiu com esses três itens e, quando alcançou a montanha de vidro, sua superfície era tão escorregadia que ela teve de usar as agulhas na parte de trás e da frente do pé, de modo a conseguir atravessar; ao chegar ao outro lado, descartou-as com todo cuidado.

Alcançou, então, as três espadas afiadas e, subindo na roda de arado, rolou por sobre elas. Por fim, deparou o vasto lago, e atravessando-o chegou a um lindo castelo. Adentrou o lugar e apresentou-se como serviçal – uma pobre criada que ficaria grata em servir. Porém, sabia que o príncipe que libertara do fogão de ferro na grande floresta estava naquele castelo. Foi então colocada como ajudante de cozinha em troca de um salário baixíssimo. Àquela altura, o príncipe estava prestes a casar-se com outra princesa, pois pensava que ela tinha morrido há muito tempo.

Ao cair da noite, depois de fazer a toalete e de aprontar-se, apalpou o seu bolso e ali encontrou três nozes dadas pelo velho sapo. Abriu uma e já ia comendo a castanha quando, surpresa! – havia um lindo vestido real ali guardado! Ao saber disso, a noiva foi até ela e implorou-lhe pelo vestido, querendo comprá-lo, dizendo que aquela não era peça para uma serviçal. A princesa disse que não o venderia, a não ser que lhe fosse concedido um favor – a saber, dormir à porta do príncipe. A noiva concedeu-lhe o desejo, porque o vestido era belíssimo e tinha pouquíssimos como aquele. Quando caiu a noite, a noiva disse ao noivo:

- Aquela tola serviçal quer dormir à tua porta.
- O que for do teu agrado, será do meu – disse ele.

No entanto, ela deu-lhe uma taça de vinho na qual derramara sonífero, fazendo o noivo cair num sono tão profundo, que a princesa não conseguiu acordá-lo. Ela chorou a noite inteira, dizendo:

- Eu te salvei na floresta e te liberei do fogão de ferro; fui em tua busca, e atravessei uma montanha de vidro, três
- 
- 
-



espadas afiadas e um lago enorme até encontrar-te: tudo isso para que agora não me ouças?

Do lado de fora, os serviçais ouviram o quanto ela chorou a noite toda e, pela manhã, contaram o ocorrido a seu mestre.

Após banhar-se, na noite seguinte, ela mordeu a segunda noz, cujo interior guardava um vestido ainda mais belo. Quando a noiva o viu, quis comprar também este. Entretanto, a criada não queria dinheiro, de modo que perguntou se podia dormir novamente à porta do príncipe. A noiva, contudo, voltou a dar-lhe sonífero, fazendo-o cair em sono tão profundo que não escutava nada. A criada chorou a noite toda, dizendo:

– Eu te salvei na floresta e te livreí do fogão de ferro; fui em tua busca, e atravessei uma montanha de vidro, três espadas afiadas e um lago enorme até encontrar-te: tudo isso para que agora não me ouças?

Os serviçais ouviram-na chorar a noite toda; pela manhã, contaram o ocorrido a seu mestre.

Na terceira noite, após refrescar-se no banho, ela mordeu a terceira noz; dentro, havia um vestido ainda mais belo, feito de ouro puro. Ao vê-lo, a princesa quis tê-lo para si, mas a criada só lho daria sob a condição de poder dormir à porta do príncipe pela terceira vez. O príncipe, porém, desta vez atentou-se a não beber o sonífero. Quando ela começou a chorar e a dizer:

– Meu querido, meu amado, eu te salvei da terrível floresta e te livreí do fogão de ferro...

De súbito, ele deu um salto e disse:

– Tens razão. Pertences a mim tanto quanto pertença a ti.

E embora ainda fosse noite, os dois embarcaram numa carruagem, tirando antes os vestidos da falsa noiva, para que ela não os seguisse. Quando alcançaram o vasto lago,

atravessaram-no remando; para passar pelas três espadas afiadas, sentaram na roda de arado e, para atravessar a montanha de vidro, serviram-se das três agulhas. Por fim, chegaram ao velho casebre; porém, quando entraram ali, ele transformou-se num enorme castelo. Os sapos foram todos libertos e eram agora os lindos filhos do rei, correndo com grande alegria. Casaram-se ali e permaneceram no castelo, o qual era muito maior do que o do pai da princesa. Entretanto, porque o velho senhor não queria viver só, levaram-no para o castelo deles. Assim passaram a ter dois reinos e viver em grande opulência.

*Um ratinho passou,*

*E a história acabou.*

Extraído:

LANG, A. **O Fabuloso Livro Amarelo**. 1. ed. Porto Alegre: Concreta, 2020. v. 1. (Os fabulosos livros coloridos, 4).

Josimar Rodrigues  
<https://josimar.com.br>

Josimar Rodrigues  
<https://josimar.com.br>

## A SERPENTE DE SETE CABEÇAS

Bernhard Schmidt<sup>2</sup>

Era uma vez um rei que decidiu fazer uma longa viagem. Reuniu as suas frotas e todos os marinheiros e, juntos, partiram. Seguiram sem pausas, noite e dia, até chegarem a uma ilha coberta com grandes árvores, e sob cada uma delas jazia um leão. Tão logo o rei aportou seus homens, os leões levantaram-se todos ao mesmo tempo e tentaram devorá-los. Após uma longa batalha, os homens conseguiram derrotar as feras – porém, muitos homens morreram. Os sobreviventes atravessaram a floresta e encontraram do outro lado um lindo jardim, no qual floresciam juntas todas as plantas do mundo.

Também havia no jardim três nascentes: a corrente da primeira era de prata; a da segunda, de ouro; a da terceira, de pérolas. Os homens desataram as suas bolsas e encheram-nas com esses objetos preciosos. Encontraram, no meio do jardim, um grande lago e, quando alcançaram a sua orla, o lago começou a falar, dizendo-lhes:

– Quem sois vós e o que viestes fazer aqui? Visitar o nosso rei?

Os homens, porém, estavam com medo demais para responder. Disse então o lago:

– Fazeis bem em ter medo, pois foi por vossa própria conta e risco que viestes até aqui. O nosso rei, com suas muitas cabeças, agora dorme, mas em alguns minutos despertará e virá banhar-se! Ai daquele que o encontrar no jardim, pois é impossível escapar dele. É isto que deveis fazer se quiserdes poupar as vossas vidas. Tirai as roupas

---

2 “Die siebenköpfige Schlange”, in: BERNHARD SCHMIDT, *Griechische Märchen*.

e espalhai-as no caminho que vai daqui ao castelo. Assim, o rei rastejará sobre uma superfície macia, coisa que lhe agrada muito, e estará tão satisfeito que não vos devorará; ele exercerá algum tipo de punição, mas depois vos deixará ir embora.

Os homens fizeram como o lago os instruíra e esperaram por algum tempo. Ao meio-dia, a terra começou a tremer, cedendo em muitos pontos, e dessas rachaduras surgiram leões, tigres e outros animais selvagens que cercaram o castelo, de onde saíram milhares e milhares de feras a seguir o rei, a Serpente de Sete Cabeças. A serpente rastejou sobre as roupas que lhe foram estendidas, prosseguiu até o lago e perguntou-lhe quem tinha espalhado aquelas coisas macias pelo caminho. O lago respondeu que isso era obra de pessoas que vieram prestar-lhe homenagem. O rei ordenou que esses homens fossem trazidos à sua presença. Com mostras de humildade, os homens puseram-se de joelhos e em poucas palavras contaram-lhe a sua história. O rei então falou-lhes com uma voz robusta e aterrorizante, dizendo:

– Porque ousastes vir até aqui, eis a punição. Todos os anos me trareis doze rapazes e doze moças de vosso povo, para que eu os devore. Se assim não o fizerdes, destruirei a vossa terra por completo.

Então solicitou que uma de suas feras acompanhasse os homens à saída do jardim e os dispensou. Depois, os homens partiram da ilha e voltaram a seu país, onde contaram aos outros o que havia acontecido. Logo chegou a hora em que o rei das feras esperava que lhe levassem as moças e os rapazes. O rei publicou um decreto convidando doze rapazes e doze moças a oferecerem-se para salvar o país; de imediato, muitos jovens – muitos mais do que o necessário – apressaram-se em fazê-lo. Um novo navio foi construído e equipado com velas negras. Nele embarcaram os rapazes e as moças indicados pelo rei e partiram em prol de seu país. Ao chegarem ao seu destino, foram direto ao

lago - desta vez, porém, os leões não se agitaram, as nascentes não fluíram e o lago nada disse. Eles aguardaram, portanto, e não demorou até que a terra tremesse de modo ainda mais terrível do que da primeira vez. A Serpente de Sete Cabeças foi até eles sem o seu séquito bestial, viu as presas esperando por ela, e devorou-as todas de uma só bocada. A tripulação do navio, então, voltou para casa, e o mesmo repetiu-se uma vez por ano, ao longo de muitos anos.

Ora, o rei e a rainha dessa infeliz nação estavam ficando velhos, e ainda não tinham filhos. Certo dia, a rainha encontrava-se sentada à janela, chorando copiosamente pela falta de sua prole, e sabia que, por isso, a coroa seria passada para estranhos após a morte do rei. De repente, uma senhorinha apareceu diante dela segurando uma maçã nas mãos, e disse:

– Por que chorais, minha rainha? O que vos deixa tão infeliz?

– Ai de mim, boa madre! – respondeu a rainha. – Estou infeliz porque não tenho filhos.

– É isso que vos deixa cabisbaixa? – disse a senhora. – Ouvi-me. Sou uma freira do Convento Fiador e minha mãe, quando faleceu, deixou-me esta maçã. Quem dela comer, terá um filho.

A rainha deu dinheiro à senhorinha, comprando dela a maçã. Depois, descascou-a, comeu-a e jogou a casca pela janela; aconteceu de uma égua, que estava solta no pátio, passar por ali e comer aquela casca. Após algum tempo, a rainha teve um menino e a égua também deu cria, gerando um potrinho. O menino e o potro cresceram juntos e gostavam-se como irmãos. Então chegou o tempo em que o rei morreu, bem como a rainha, e o filho deles, à época com dezenove anos, ficou só. Certo dia, conversando com o seu cavalo, disse-lhe este:

– Ouve-me, pois te amo e desejo o melhor para ti e

---

---

---

para o país. Se continuares enviando todos os anos doze rapazes e doze moças para o Rei das Bestas, logo o país estará arruinado. Sobee em minhas costas; eu te levarei a uma mulher que poderá te dizer como matar a Serpente de Sete Cabeças.

O jovem então montou em seu cavalo, que o levou por um longo caminho até uma montanha que era oca, pois na sua encosta existia uma enorme caverna subterrânea. Nesta caverna, havia uma senhora a fiar. Ali era o claustro das freiras, e aquela senhora era a abadessa. Elas passavam o tempo todo fiando – daí o nome do convento. Esculpidas em todas as paredes estavam camas de pedra maciça, nas quais dormiam as freiras, e no meio havia uma lamparina acesa. Era dever das freiras revezarem-se para resguardar a chama, de modo que ela nunca se apagasse; se alguma delas a deixasse se apagar, as outras a matariam.

Assim que o filho do rei viu a velha abadessa fiando, lançou-se a seus pés e suplicou-lhe para que lhe contasse como poderia matar a Serpente de Sete Cabeças.

Ela mandou que ele se levantasse, abraçou-o e disse-lhe:

– Sabe, meu filho, fui eu quem mandou a freira à sua mãe para que pudesses nascer e, contigo, também o cavalo, que poderá te ajudar a libertar o mundo daquele monstro. Digo-te o que deves fazer. Carrega o teu cavalo com algodão e, por uma passagem secreta que te mostrarei, vai até o palácio da serpente. Tu avistarás o rei adormecido em seu leito, o qual é cercado de sinos, e sobre a cama dele, verás uma espada. Somente com esta espada é possível matar a serpente, pois, ainda que sua lâmina se parta, outra crescerá no lugar, para cada cabeça do monstro. Assim, serás capaz de cortar-lhe todas as sete cabeças. E, para enganar o rei, deves fazer o seguinte: entra muito de mansinho no quarto dele e emudece com algodão todos os sinos que há em volta de sua cama. Depois, retira devagar a espada e dá

---

---

---

com ela um rápido golpe na cauda do monstro. Isso fará com que ele acorde; se te vir, serás pego. Corta-lhe logo a cabeça e espera a próxima surgir, para então cortá-la também, e continua nisso até que lhe tenhas cortado todas as sete cabeças.

A velha abadessa deu a sua bênção ao príncipe e ele partiu para cumprir a sua missão. Chegou ao castelo da serpente através da passagem secreta que a freira lhe indicara e, seguindo com muito cuidado todas as instruções que recebera, conseguiu acabar com o monstro. Tão logo as bestas selvagens souberam que o seu rei havia morrido, correram todas para o castelo, mas o jovem já havia montado em seu cavalo há muito e estava longe demais. Perseguram-no o mais rápido que podiam, contudo perceberam que seria-lhes impossível alcançá-lo. O príncipe conseguiu voltar para casa em segurança e, assim, libertou o seu país daquela terrível opressão.

Extraído:

LANG, A. **O Fabuloso Livro Amarelo**. 1. ed. Porto Alegre: Concreta, 2020. v. 1. (Os fabulosos livros coloridos, 4).

Josimar Roadry  
<https://josimar.com.br>



Josimar Rodrigues  
<https://josimar.com.br>

## O PRÍNCIPE INVISÍVEL

Louise Cavelier Levesque

Era uma vez uma fada que tinha poder sobre a terra, o mar, o fogo e o ar. Essa fada tinha quatro filhos. Ela fez do mais velho, que era ágil e vigoroso e possuía uma vívida imaginação, o Senhor do Fogo – elemento que, na opinião dela, era o mais nobre dentre todos. Ao segundo filho, cuja sabedoria e prudência compensavam o fato de ele ser um tanto moroso, ela deu o governo da Terra. O terceiro era bravio e feroz e tinha uma estatura monstruosa; a fada, sua mãe, que tinha vergonha dos defeitos desse filho, esperava escondê-los transformando-o no Rei dos Mares. O mais novo, que era escravo de suas paixões e de temperamento muito instável, tornou-se o Príncipe do Ar.

Naturalmente, o caçula era o favorito da mãe; mas isso não a impedia de enxergar as falhas do filho, e ela previu que um dia ele sofreria muito em razão de alguma paixão. Pensou então que o melhor que podia fazer era criá-lo com pavor das mulheres; e, para sua satisfação, percebeu que o desgosto do filho só aumentava à medida que ele crescia. Desde a primeira infância, o menino só ouvia histórias de príncipes que tinham enfrentado toda sorte de problemas por causa do amor, e a mãe pintou imagens tão horrendas do pobre Cupido que o menino não encontrou dificuldade em crer que esse anjo era a raiz de todo o mal.

O tempo que podia usar para poupar o filho de todo o ódio contra o universo feminino, a “sábua” mãe aproveitou para incitá-lo ao amor pelos prazeres da caça, o que passou a ser a sua principal alegria. Para o seu divertimento, ela fizera uma nova floresta, com as mais esplêndidas árvores, e ali soltou todo animal que havia nos quatro cantos do

mundo. No meio dessa floresta, construiu um palácio de beleza incomparável a qualquer outro no mundo, e então julgou que realizara o bastante para fazer qualquer príncipe feliz.

Ora, abusar do Deus do Amor é uma coisa, mas o homem não pode lutar contra o seu destino. No fundo do coração, o príncipe estava cheio de ouvir a mãe falar-lhe constantemente sobre o assunto; e quando, certa vez, ela deixou o palácio para cuidar de algum problema, implorando-lhe para que nunca fosse além daqueles limites, ele logo aproveitou a chance de desobedecê-la.

Deixado a sós, o príncipe logo esqueceu dos sábios conselhos de sua mãe e, sentindo-se entediado de ficar consigo mesmo, ordenou a alguns espíritos do ar que o carregassem à corte do soberano vizinho. Este reinado era situado na Ilha das Rosas, onde o clima é tão gostoso que a grama está sempre verde e as flores, sempre cheirosas; em vez de chocarem-se contra as pedras, as ondas pareciam esvanecer-se de mansinho na costa; grupos de arbustos dourados cobriam a terra, e as vinhas dobravam-se pelo peso das uvas.

O rei dessa ilha tinha uma filha chamada Rosália, que era a jovem mais adorável em todo o mundo. Foi só os olhos do Príncipe do Ar recaírem sobre ela que ele esqueceu-se de todas as terríveis desgraças que lhe foram profetizadas desde bebê, pois, com frequência, basta um só instante para frustrar os planos de uma vida inteira. Ele começou a pensar em qual seria a melhor forma de ser feliz, e o caminho mais curto que lhe ocorreu foi o de ordenar que os espíritos ajudantes levassem Rosália.

É fácil imaginar o que o rei sentiu ao descobrir que sua filha havia desaparecido. O homem chorava noite e dia por sua perda, e o seu único consolo era falar sobre isso com um príncipe jovem e desconhecido que acabara de chegar à

---

---

---

corte. Pobre rei! Ele não sabia o quanto o estrangeiro desejava Rosália, pois também a vira e caíra em seus encantos.

Certo dia, sofrendo mais do que o normal, o rei caminhava sombrio pela beira-mar junto do príncipe desconhecido, que era sua única companhia. Depois de um longo silêncio, falou o príncipe:

– Não há mal que não tenha remédio – disse ele ao pai infeliz –; se me prometerdes conceder a mão de vossa filha em casamento, eu a trarei de volta.

– Estás tentando me acalmar com promessas vãs – respondeu o rei. – Acaso não a vi sendo levada pelos ares, apesar dos gritos que teriam amolecido o coração de qualquer um, exceto o do bárbaro que a tomou de mim? A pequena desafortunada está perdida em uma terra desconhecida, onde talvez o homem jamais tenha sequer pisado, e eu nunca mais a verei. Mas vai, generoso estrangeiro, traze-me Rosália de volta se fores capaz, e vivas feliz para sempre com ela neste país, do qual agora declaro-te herdeiro.

Embora o pai de Rosália desconhecesse o nome e o posto do estrangeiro, ele era, de fato, o filho do Rei da Ilha Dourada, a qual tinha por capital uma cidade que ia de uma costa à outra. Os muros, banhados por águas serenas, eram cobertos de ouro, o que fazia qualquer um pensar em areias amarelas. Sobre eles havia um baluarte de laranjeiras e limoeiros, e todas as ruas eram pavimentadas com ouro.

O rei dessa bela ilha tinha um filho, para quem desde o berço fora prevista uma vida de aventuras – amedrontando tanto o pai e a mãe que, para consolá-los, uma fada que calhava de estar ali no momento fez surgir uma pedrinha, a qual recomendou que guardassem para o príncipe até que ele fosse adulto. Colocando-a na boca, o rapaz ficaria invisível – contanto que não tentasse falar, pois, se assim o fizesse, a pedra perderia todo o poder. Assim, a

boa fada esperava que o príncipe fosse protegido de todos os perigos.

Assim que o príncipe foi crescendo, passou a querer saber se os outros países do mundo eram tão maravilhosos quanto aquele no qual vivia. Assim, sob o pretexto de visitar algumas ilhotas que pertenciam a seu pai, ele partiu. No entanto, uma tempestade assustadora jogou o seu navio para costas desconhecidas, onde a maior parte de seus seguidores foi morta pelos selvagens, e o próprio príncipe só conseguiu escapar ao lançar mão de sua pedrinha mágica. Com a ajuda dela, passou sem ser visto no meio deles e vagou até atingir a costa, onde embarcou de novo em seu navio.

A primeira terra que avistou foi a Ilha das Rosas e logo foi à corte do rei, pai de Rosália. No momento em que seus olhos avistaram a princesa, apaixonou-se por ela como todos os outros.

Passou vários meses nessa condição, até que o Príncipe do Ar levou-a embora, para o desgosto e o desespero de todos os homens da ilha. Porém, embora estivessem todos tristes, o Príncipe da Ilha Dourada estava particularmente inconsolável e passava dias e noites a lamentar a sua perda.

– Ai de mim! – exclamou ele. – Será que jamais verei novamente a adorável princesa? Quem saberá onde ela está, e sob a guarda de que fada? Sou apenas um homem, mas sou firme no amor; buscarei por todo o mundo até encontrá-la.

Falando assim, deixou a corte e foi cuidar dos preparativos para a jornada.

Viajou por longos e cansativos dias sem ouvir nem mesmo uma palavra sobre a princesa perdida; até que, certa manhã, quando estava caminhando por uma densa floresta, ele de súbito percebeu um palácio magnífico ao fim de um corredor de pinheiros, e o seu coração inclinou-se a pensar que o local para o qual olhava talvez fosse a

---

---

---

prisão de Rosália. Ele apertou o passo e rapidamente chegou ao portão do palácio, o qual era formado a partir de uma única ágata. O portão abriu-se para que o príncipe entrasse e, em seguida, ele passou sucessivamente por três pátios, cercados por valas fundas cheias de água corrente, com pássaros de plumagem brilhante voando pelas margens. Tudo ali era raro e belo, mas o príncipe mal deteve os olhos em todas essas maravilhas. Pensava apenas na princesa e em onde poderia encontrá-la – porém, em vão abriu a porta e buscou em cada canto; não via nem Rosália, nem ninguém. Por fim, não tinha mais onde procurar, exceto uma pequena floresta, em cujo centro havia como que um saguão todo construído com laranjeiras, que dava para quatro salinhas, uma em cada canto. Três delas estavam vazias, contando apenas com estátuas e objetos maravilhosos; na quarta, porém, o Príncipe Invisível avistou Rosália. A alegria em revê-la foi, contudo, algo diminuída pela visão do Príncipe do Ar ajoelhando-se aos pés da moça, em defesa de causa própria. Mas era em vão que ele implorava para ser ouvido; ela apenas mexia a cabeça, e “não” era tudo o que dizia.

– Tiraste-me do meu pai, a quem eu tanto amava, e nem mesmo todo o esplendor do mundo será capaz de me consolar. Vai embora! Nunca sentirei nada além de ódio e desprezo por ti.

Com estas palavras, ela deu as costas e recolheu-se a seus próprios aposentos.

Mal sabia ela que o Príncipe Invisível a seguira – entretanto, temendo ser descoberto pela princesa na presença de outras pessoas, ele decidiu aguardar em silêncio até anoitecer e empregou essas longas horas de espera na escrita de um poema para a princesa, o qual colocou na cama ao lado dela. Tendo feito isso, não pensou em outra coisa além da melhor maneira de libertar Rosália, e decidiu aproveitar a visita que o Príncipe do Ar fazia anualmente a sua mãe para agir.

---

---

---

Certo dia, Rosália estava só em seu quarto pensando em seus problemas quando, de súbito, viu uma caneta levantar-se da escrivaninha e começar a escrever sozinho numa folha de papel branco. Como não sabia que a caneta era guiada por uma mão invisível, Rosália ficou muito perplexa e, no momento em que a caneta parou de mover-se, a princesa rapidamente foi até a mesa, sobre a qual encontrou uns versinhos adoráveis, dizendo-lhe que outra pessoa compartilhava de suas preocupações, quaisquer que fossem elas, e que a amava de todo o coração; que, além disso, ele não descansaria até conseguir livrá-la das mãos daquele homem que ela odiava. Sentindo-se encorajada após tal mensagem, a princesa contou-lhe toda a sua história; contou-lhe também sobre a chegada de um rapaz estrangeiro ao palácio do pai dela, cuja aparência encantara-a de tal modo que desde aquele dia ela já não pensava em mais ninguém. Ao ouvir estas palavras, o príncipe não pôde mais se conter. Tirou a pedrinha mágica da boca e lançou-se aos pés de Rosália.

Após superarem o primeiro arrebatamento do encontro, ambos começaram a planejar como escapar dos poderes do Príncipe do Ar - o que provou-se difícil, pois a pedrinha mágica servia apenas a uma pessoa por vez e, para salvar Rosália, o Príncipe da Ilha Dourada teria de se expor à fúria do inimigo; Rosália, contudo, não queria nem ouvir falar nisso.

- Não, príncipe - disse ela -; agora que estais aqui, esta ilha já não me parece uma prisão. Além disso, estais sob a proteção de uma fada, a qual sempre visita a corte de vosso pai nesta época. Ide imediatamente e procurai por ela, e quando encontrá-la, implorai que ela vos dê outra pedra com o mesmo poder. Tendo-a em mãos, não haverá mais dificuldade para escapar daqui.

O Príncipe do Ar retornou do palácio de sua mãe alguns dias mais tarde, mas o Príncipe Invisível já havia partido. Entretanto, ele esquecera completamente por qual

---

---

---

estrada tinha vindo, e perdeu-se por tanto tempo na floresta que, quando enfim chegou em casa, a fada já tinha ido embora - e apesar de toda a sua dor, não havia o que fazer senão esperar pela próxima visita da fada e deixar Rosália a sofrer por mais três meses. O mero pensamento disso o desesperava; estava quase determinado a voltar ao cativeiro da princesa quando, certo dia, enquanto passeava por uma alameda na floresta, ele viu um enorme carvalho abrir-se no tronco, e dele saírem dois príncipes em animada conversa. Como o nosso herói levava na boca a pedrinha mágica, eles acreditaram que estavam sozinhos e, assim, não abaixaram suas vozes.

- O quê?! - disse um deles - Tu te deixarás atormentar por uma paixão que jamais poderia terminar bem? Não há nada em todo o teu reino que te satisfaça?

- De que adianta ser o Príncipe dos Gnomos - disse o outro - e ter uma mãe que é a rainha dos quatro elementos, se eu não posso ganhar o amor da Princesa Argentina? Desde que a vi pela primeira vez, sentada na floresta, rodeada de flores, não paro de pensar nela dia e noite e, ainda que eu a ame, estou convencido de que ela nunca me dará a mínima. Sabes bem que tenho em meu palácio as cabines do tempo. Na primeira, grandes espelhos refletem o passado; na segunda, contempla-se o presente; na terceira, pode-se ler o futuro. Foi para cá que eu vim após vislumbrar a Princesa Argentina; mas, em lugar do amor, encontrei somente escárnio e desprezo. Imaginas o quão grande é a minha devoção se, apesar do meu destino, continuo a amá-la!

O Príncipe da Ilha Dourada ficou encantado com essa conversa, pois a Princesa Argentina era a sua irmã, e esperava, por conta da influência que ela exercia sobre o Príncipe do Gnomos, obter do irmão dele a libertação de Rosália. Assim, retornou com alegria ao palácio de seu pai, onde encontrou a fada amiga, que logo presenteou-lhe com outra pedrinha mágica parecida com a que já tinha. Como

---

---

---



se pode imaginar, ele não perdeu tempo: foi logo levá-la a Rosália. Viajou tão rápido que logo chegou à floresta no meio da qual a princesa estava em cativeiro – porém, embora tivesse encontrado o palácio, não encontrou Rosália. Revirou o local de cima a baixo, mas não a achou em lugar algum. O seu desespero foi tão grande que, mil e uma vezes, esteve prestes a tirar a própria vida. Por fim, lembrou-se da conversa dos dois príncipes sobre as cabines do tempo e que, se conseguisse achar o carvalho, certamente descobriria o que fora feito de Rosália. Felizmente, logo encontrou a passagem secreta e entrou na cabine do presente, onde viu refletido nos espelhos a desafortunada Rosália sentada ao chão, chorando muito, cercada por gênios que não a abandonavam nem de dia, nem de noite.

A visão serviu apenas para aumentar a angústia do príncipe, pois ele não sabia onde ficava o castelo nem como encontrá-lo. Todavia, resolveu assim mesmo procurá-lo por todo o mundo. Começou por içar velas em ventos favoráveis, mas a má fortuna o seguiu mesmo no mar. Mal tinha perdido de vista a terra quando formou-se uma tempestade violenta e, após muitas horas de tormenta, a embarcação foi jogada para as pedras, nas quais chocou-se, partindo-se em vários pedaços. O príncipe teve a sorte de conseguir uma verga flutuante e conseguiu dar um jeito de permanecer flutuando. Então, depois de uma longa batalha contra o vento e as ondas, ele atracou numa ilha estranha. Porém, qual não foi a sua surpresa quando, ao atingir a praia, ouviu sons dolorosos de uma angústia que cortava o coração, misturados a doces cantos que tanto lhe encantaram! A sua curiosidade foi despertada no ato, e ele avançou com cuidado, até avistar dois enormes dragões guardando um portão de madeira. Eram duas criaturas terríveis. Tinham os corpos cobertos com escamas cintilantes; as caudas zigzagueavam ao longe pelos campos; expeliam chamas por suas bocas e narizes, e seus olhos eram capazes de fazer estremecerem os mais valentes.

---

---

---

Contudo, como o príncipe estivesse invisível e as criaturas não o enxergassem, ele pôde passar despercebido e escapar para a floresta. Viu-se num labirinto, onde andou por muito tempo sem encontrar ninguém; a bem da verdade, a única coisa que viu foi um círculo de mãos humanas brotando do chão, do pulso para cima, cada uma portando um bracelete de ouro com um nome escrito. Quanto mais avançava no labirinto, maior era sua curiosidade, até deparar-se com dois corpos jazendo no meio de uma alameda de ciprestes, cada qual com um cordão escarlate no pescoço e uma pulseira no braço, em que se liam os seus nomes e os nomes de duas princesas.

O Príncipe Invisível percebeu que estes eram os corpos dos reis de duas grandes ilhas próximas ao seu lar, mas os nomes das princesas eram-lhe desconhecidos. Sentiu pesar pelo infeliz destino daqueles homens e pôs-se a cavar-lhes duas covas; porém, tão logo os tinha enterrado, suas mãos mortas começaram a emergir da terra e então pararam, expostas do pulso para cima, como as daqueles outros sujeitos.

O príncipe continuou a sua jornada pensando sobre essa estranha aventura, quando, de repente, ao fazer a curva no caminho, percebeu que havia um homem alto, cujo rosto era a face da desgraça, segurando em suas mãos um cordão de seda da mesmíssima cor daqueles cordões nos pescoços dos defuntos. Alguns passos à frente o mesmo homem surgiu com outro sujeito, tão desgraçado quanto ele; os dois abraçaram-se em silêncio e então, sem dizerem uma única palavra, puseram os cordões em seus pescoços e caíram mortos um ao lado do outro. O príncipe correu para socorrê-los e tentou de tudo para retirar-lhes os cordões, mas foi em vão: não conseguia afrouxá-los. Acabou por enterrar os homens como tinha feito com os outros, e prosseguiu em seu caminho.

Sentiu, porém, que era necessária grande prudência, caso contrário ele mesmo poderia tornar-se vítima de

---

---

---

algum feitiço. Estava feliz por ter conseguido passar despercebido pelos dragões, adentrando um belo parque, de águas cristalinas e lindas flores, e com uma multidão de homens e donzelas. Contudo, não conseguia esquecer as coisas terríveis que vira e esperou de todo o coração receber uma pista para o mistério. Percebendo dois jovens conversando, aproximou-se, pensando que poderia obter assim alguma explicação para o que o intrigava. E a conseguiu.

— Tu juras — dizia o príncipe — que me amarás até a morte, mas temo pela infidelidade do teu coração e sinto que logo terei de procurar pela Fada do Desespero, que governa metade desta ilha. Ela leva para longe aqueles que foram abandonados pelos seus amores e desejam que a sua vida se acabe. Ela os coloca num labirinto onde eles são condenados a caminhar para sempre, com um bracelete em seus braços e um cordão ao pescoço, a menos que encontrem alguém tão infeliz quanto eles próprios. Puxa-se então o cordão, e eles jazem onde tiverem caído, até serem enterrados pelo primeiro sujeito que aparecer. Por mais terrível que seja essa morte — continuou o príncipe —, seria-me mais doce que a vida se eu perdesse o teu amor.

A visão de todos aqueles afortunados amantes só aumentava o sofrimento do príncipe, e ele passou os dias vagando pela orla do mar. Certo dia, porém, estava sentado sobre uma rocha, lamentando o seu destino e a impossibilidade de deixar a ilha quando, num instante, o mar pareceu subir quase até os céus e nas cavernas ecoaram gritos hediondos. Enquanto observava o ocorrido, uma mulher surgiu das profundezas do mar, voando loucamente diante de um gigante furioso. Os gritos dela amoleceram o coração do príncipe; ele tirou a pedrinha da boca e, empunhando a espada, correu atrás do gigante, de modo a dar tempo para a mulher escapar. Entretanto, mal ficara ao alcance do inimigo, o gigante tocou-lhe com um anel que usava na mão e o príncipe permaneceu imóvel onde estava. O gigante rapidamente voltou à sua presa e, agarrando-a, mergulhou-a

---

---

---

no mar. Mandou então que alguns tritões acorrentassem o Príncipe da Ilha Dourada, que sentiu ser levado também para o fundo do oceano, sem esperança de ver novamente a princesa.

Ora, o gigante a quem o invisível atacara de maneira tão imprudente era o Senhor do Mar e o terceiro filho da Rainha dos Elementos, o qual tocara o jovem com um anel que capacitava qualquer mortal a viver debaixo d'água. Foi o que descobriu o Príncipe da Ilha Dourada quando, acorrentado pelos tritões, foi carregado por moradias de monstros estranhos e passou por imensas florestas de algas, até chegar em um espaço vasto e arenoso, cercado por grandes rochas. Na mais alta das rochas estava o gigante, como que sentado sobre um trono.

– Mortal imprudente – disse ele quando o príncipe foi arrastado e colocado à sua frente –, merecias a morte, mas viverás para sofrer maiores crueldades. Vai, aumenta o número daqueles que tenho o prazer de torturar.

Ao ouvir estas palavras, o infeliz príncipe viu-se preso a uma pedra; mas não estava só em sua desgraça, pois a seu redor havia princesas e príncipes que o gigante mantinha cativos. Com efeito, o seu maior prazer era criar uma tempestade para, assim, aumentar sua lista de prisioneiros.

Como as suas mãos estavam atadas, era impossível para o Príncipe da Ilha Dourada fazer uso de sua pedra mágica; assim, passou dias e noites sonhando com Rosália. Porém, enfim, em certo momento, deu na telha do gigante entreter-se promovendo lutas entre alguns de seus cativos. Foi tirada a sorte, e ela recaiu sobre o príncipe, cujas correntes logo foram soltas. No momento em que se livrou delas, enfiou a pedrinha na boca e tornou-se invisível.

Pode-se muito bem imaginar a surpresa do gigante com a súbita desapareção do príncipe. Mandou que todas as saídas fossem vigiadas – mas já era tarde, pois o príncipe já lhe tinha escapado por entre as duas rochas. Ele andou

---

---

---

por um tempo pela floresta, onde só encontrou monstros assombrosos; escalou pedra por pedra, abriu caminho de árvore em árvore, até enfim chegar à praia, ao pé de uma montanha que ele lembrava ter visto na cabine do presente, quando Rosália estivera presa em cativoiro.

Cheio de alegria, conseguiu chegar ao cume da montanha, o qual trespassava as nuvens, e lá encontrou um palácio, no qual entrou. No meio de uma longa galeria, descobriu uma sala de cristal, no centro da qual estava Rosália, vigiada diuturnamente pelos gênios. Não havia porta nem janela em lugar algum. À vista disso, o príncipe ficou mais confuso do que nunca, pois não sabia como avisar a Rosália que retornara – porém, cortava-lhe o coração vê-la chorando do nascer ao pôr do sol.

Um dia, enquanto caminhava para cima e para baixo em seu quarto, Rosália surpreendeu-se ao perceber que o cristal que servia-lhe de parede tornara-se embaçado, como se alguém tivesse respirado perto dele; e, além disso, quando ela se movia, o brilho do cristal ficava sempre embaçado. Isso foi suficiente para que ela suspeitasse do retorno do seu amado. Para tranquilizar o Príncipe do Ar, ela começou a ser-lhe muito graciosa, de modo que, quando lhe pedisse para aliviar um pouco o seu cativoiro, o pedido não seria recusado. De início, o único favor que ela pediu foi o de poder perambular todos os dias na longa galeria. Isto foi-lhe concedido, e o Príncipe Invisível mais que depressa aproveitou a oportunidade para entregar-lhe a pedrinha, a qual ela colocou na boca de imediato. Não há palavra que descreva a fúria do captor frente a seu desaparecimento. Ele ordenou que os espíritos voassem por todo lugar e trouxessem Rosália de onde quer que ela estivesse. Obedecendo às suas ordens, voaram todos no mesmo instante, espalhando-se pelos quatro cantos da terra.

Enquanto isso, Rosália e o Príncipe Invisível chegavam, de mãos dadas, a uma porta da galeria que dava acesso a um terraço nos jardins. Em silêncio, eles escapu-

---

---

---

liram por ali e pensaram já estarem a salvo, quando, por acidente, um monstro furioso chocou-se contra ambos e, apavorada, Rosália soltou a mão do rapaz. Não era possível falar estando invisível e, além disso, os dois sabiam que os espíritos todos estavam a rodeá-los, de modo que seriam pegos ao menor ruído; tudo o que podiam fazer era tatear no ar à espera de que suas mãos se reencontrassem.

Contudo, ai deles! A alegria da liberdade durou pouco. A princesa, tendo vagado em vão por toda floresta, parou, enfim, à beira de uma fonte. Andando, escreveu nas árvores: “Se algum dia o príncipe, meu amado, vier por este lado, saiba que é aqui que moro e que, todos os dias, sento-me à beira desta fonte, onde minhas lágrimas misturam-se à corrente das águas”.

Essas palavras foram lidas pelos gênios, que as repetiram ao mestre. O Príncipe do Ar, tornando-se também ele invisível, foi até a fonte e esperou por Rosália. Quando ela aproximou-se, ele estendeu-lhe a mão, a qual ela agarrou com avidez, crendo ser aquela a mão do amado. Aproveitando a oportunidade, o príncipe amarrou com um cordão os braços dela e, saindo da invisibilidade, gritou aos espíritos que a levassem para o buraco mais fundo.

Foi então que apareceu o Príncipe Invisível e, vendo o Príncipe dos Gênios montando no ar enquanto segurava um cordão de seda, adivinhou na hora que ele carregava Rosália.

Sentiu-se tão desesperado que passou pela sua cabeça pôr fim à própria vida.

– Acaso sobreviverei aos meus infortúnios? – chorou amargamente. – Achei que pusera um fim aos meus problemas, mas agora estão piores do que nunca. O que será de mim? Nunca descobrirei onde esse monstro esconderá Rosália.

O infeliz rapaz estava determinado a abandonar-se à morte e, com efeito, seu sofrimento já bastava para matá-lo.

---

---

---

Foi então que lhe surgiu a ideia de que, com a ajuda das cabines do tempo, ele poderia descobrir onde a princesa estava presa – ideia que o consolou. Então, continuou a caminhar pela floresta e, passadas algumas horas, chegou ao portão de um templo guardado por dois leões imensos. Estando invisível, conseguiu entrar ileso. No meio do templo havia um altar, no qual repousava um livro e, por trás do altar, havia uma longa cortina. O príncipe aproximou-se do altar e abriu o livro, o qual continha os nomes de todos os casais apaixonados do mundo, e leu ali que Rosália fora levada pelo Príncipe do Ar para um abismo que não tinha entrada – a não ser a que ficava no caminho da Fonte de Ouro.

Ora, como o príncipe não tivesse a menor ideia de onde se localizava essa fonte, seria natural pensar que agora ele não estava mais perto de Rosália do que antes. Contudo, esta não era a perspectiva adotada pelo príncipe.

– Embora cada passo que eu dê possa me levar para mais longe dela – disse consigo mesmo –, ainda assim fico agradecido por saber que ela está viva em algum lugar.

Ao deixar o templo, o Príncipe Invisível viu seis caminhos abrindo-se à sua frente, todos levando à floresta. Hesitou quanto a qual deles escolher, até que viu duas pessoas vindo em sua direção, pelo caminho que ficava mais à sua direita. Calhava de serem o Príncipe Gnomo e o seu amigo, e a vontade súbita de obter notícias de sua irmã, a Princesa Argentina, fez com que o Príncipe Invisível os seguisse e ouvisse sua conversa.

– Achas – dizia o Príncipe Gnomo – que eu não quebraria as minhas correntes se pudesse? Sei que a Princesa Argentina nunca me amará, mas a cada dia nutro por ela mais carinho. E, se isso não fosse o bastante, tenho a horrível sensação de que ela provavelmente ama outro. Por isso, resolvi livrar-me de minha dor por meio da Fonte Dourada. Uma única gota de sua água caindo na areia ao

---

---

---

redor poderá traçar o nome do meu rival no coração dela. Temo tal provação, porém este mesmo temor me convence do meu infortúnio.

É de se imaginar que, depois de ouvir essas palavras, o Príncipe Invisível passou a seguir o Príncipe Gnomo como uma sombra e que, após caminharem por algum tempo, eles chegaram à Fonte de Ouro. O infeliz apaixonado deteve-se com um suspiro e, mergulhando os dedos na água, fez cair uma gota na areia. No mesmo instante, foi escrito o nome de seu irmão, o Príncipe das Chamas. O choque daquela descoberta foi tão real que o Príncipe Gnomo caiu desfalecido nos braços do amigo.

Enquanto isso, o Príncipe Invisível repassava em sua cabeça qual seria a melhor forma de libertar Rosália. Como desde que ele fora tocado pelo anel do gigante adquirira o poder de viver debaixo d'água assim como na terra, lançou-se logo às águas da fonte. Em um canto, percebeu uma porta que dava para a montanha e, ao pé da montanha, havia uma pedra alta, na qual estava fixado um ferro com uma corda amarrada. O príncipe prontamente adivinhou que aquela corda estava sendo utilizada para amarrar a princesa, e puxou a sua espada para cortá-la. Num instante, sentiu as mãos da princesa nas mãos dele, pois ela mantinha sempre a sua pedrinha mágica na boca, apesar dos pedidos e das súplicas que o Príncipe do Ar lhe fizera para que tornasse a ser visível.

De mãos dadas, então, o Príncipe Invisível e a Princesa Rosália atravessaram a montanha; porém, como a princesa não tinha o poder de viver debaixo d'água, não podia passar pela Fonte Dourada. Calados e invisíveis, firmaram-se juntos às margens, tremendo com a tempestade aterrorizante que o Príncipe do Ar fez surgir em sua fúria. A tormenta já durava muitos dias quando se fez sentir um tremendo calor. Os relâmpagos brilhavam, os trovões retumbavam, raios de fogo caíam dos céus, queimando as florestas e mesmo as plantações de milho. Num instante, os

---

---

---



próprios arroios ficaram secos, e o príncipe, aproveitando a oportunidade, carregou a princesa por sobre a Fonte de Ouro.

Levou muito tempo até que alcançassem a Ilha Dourada, mas enfim chegaram lá – e podemos ter certeza que, de lá, nunca mais quiseram sair.

Extraído:

LANG, A. **O Fabuloso Livro Amarelo**. 1. ed. Porto Alegre: Concreta, 2020. v. 1. (Os fabulosos livros coloridos, 4).

Josimar Rodrigues  
<https://josimar.com.br>

## O APANHADOR DE RATOS

Ch. Marelles

Muito tempo atrás, a cidade de Hamelin, na Alemanha, foi invadida por bandos de ratos de um tipo jamais visto antes, e que jamais se voltará a ver.

Eram criaturas negras, enormes, que corriam sem nenhum pudor pelas ruas, em plena luz do dia, e de tal modo fervilhavam por todos os cantos das casas que, por fim, já não se descansava a mão ou se punha o pé sem tocar em algum rato. Ao se vestirem pela manhã, os habitantes de Hamelin surpreendiam-nos nas calças e nas anáguas, nos bolsos e nas botas; e, quando procuravam uma migalha que comer, as hordas famintas já haviam devastado tudo quanto havia, do sótão ao porão. Durante a noite era ainda pior. Ao apagar das luzes, esses incansáveis roedores punham-se a trabalhar. E, por toda parte, nos tetos, nos porões, nos armários, nos portões, era um corre-corre incessante de roedores perseguindo-se e tudo revirando, e um ruído tão furioso de brocas, pinças e serras, que um homem surdo não poderia descansar uma hora inteira.

Nem gatos, nem cães, nem venenos, nem armadilhas, nem rezas, nem velas acendidas a todos os santos - nada surtia efeito algum. Quanto mais matavam ratos, mais ratos apareciam. Os habitantes de Hamelin começaram a recorrer aos cães (não que fossem de grande ajuda), quando, em uma certa sexta-feira, chegou à cidade um homem de aparência extravagante, que tocava uma gaita de foles e entoava este refrão:

*Quem viver, verá:  
Aqui está,  
Quem há de os ratos apanhar.*

Era um sujeito alto e descomposto, de pele ressequida e queimada pelo sol, nariz curvo, bigodes compridos, esticados como a cauda de um rato, e um enorme par de olhos fulvos, penetrantes e zombadores, sob um grande chapéu de feltro de onde se projetava uma pena de galo de cor escarlate. Vestia um casaco verde com cinto de couro e mangas vermelhas. Nos pés, trazia sandálias amarradas por cordas que davam voltas nas pernas, à maneira dos ciganos.

É assim que ele pode ser visto hoje em dia, retratado em um vitral da catedral de Hamelin.

Parou no grande mercado da cidade, em frente à prefeitura, deu as costas para a igreja e entoou sua música, cantando:

*Quem viver, verá:*

*Aqui está,*

*Quem há de os ratos apanhar.*

O conselho da cidade acabara de se reunir, em mais uma tentativa de solucionar aquela praga do Egito da qual ninguém conseguia livrar a cidade.

O forasteiro mandou avisar aos conselheiros que, mediante uma boa recompensa, daria fim a todos os ratos, até o último deles, antes do anoitecer.

— É, pois, um feiticeiro! — exclamaram os cidadãos em unísono — tenhamos cuidado.

O Conselheiro da Cidade, que era tido por homem sagaz, tranquilizou-os dizendo:

— Feiticeiro ou não, se o tocador de gaita de foles diz a verdade, então foi ele quem nos enviou esses terríveis parasitas e, agora, exige dinheiro para nos livrar deles. Bem, devemos aprender a apanhar o diabo em suas próprias armadilhas. Deixai a questão comigo.

“Deixai a questão com o Conselheiro da Cidade”, disseram os cidadãos entre si.

O forasteiro foi trazido para diante deles.

– Antes do anoitecer – disse ele –, terei livrado Hamelin de todos os ratos, ao preço de um dinheiro por cabeça.

– Um dinheiro por cabeça! – exclamaram os cidadãos. – Mas serão milhões de florins!

O Conselheiro da Cidade limitou-se a dar de ombros e disse ao forasteiro:

– Uma pechincha! Ao trabalho; pagaremos pelos ratos um dinheiro por cabeça, como pediste.

O tocador de gaita de foles avisou que trabalharia naquela noite mesmo, quando a lua se levantasse. Acrescentou que os habitantes deveriam, àquela hora, deixar as ruas livres e contentar-se em olhar pela janela o que se passaria – seria um espetáculo admirável. Quando o povo de Hamelin soube do acordo, também todos exclamaram: “Um dinheiro por cabeça! Mas isso nos custará uma fortuna!”

– Deixai a questão com o Conselheiro da Cidade – disseram os membros do conselho, com ar malicioso. E o povo ordeiro de Hamelin repetiu com os conselheiros: “Deixai a questão com o Conselheiro da Cidade”.

Por volta das nove horas da noite, o tocador de gaita de foles reapareceu no mercado. Como da primeira vez, voltou as costas para a igreja e, no momento em que a lua despontou no horizonte, *trrarirá, trrari!*, fez soar os foles.

O som começou lento, como uma carícia, crescendo aos poucos em vivacidade e urgência, tornando-se por fim tão sonoro e pungente, que penetrou no fundo dos mais profundos becos e reentrâncias da cidade.

Dali a pouco, do fundo dos porões, do alto dos sótãos, de debaixo de todos os móveis, de todos os cantos e recantos das casas, começaram a sair os ratos, a procurar pela porta, a lançar-se à rua e, *zás, zás, zás*, a correr em fila rumo à frente da prefeitura, tão espremidos uns contra os outros que cobriam o pavimento como ondas de uma enxurrada.

Quando a praça estava repleta de ratos, o tocador de gaita de foles olhou à sua volta e, tocando ainda vigorosamente, tomou a direção do rio que circunda os muros de Hamelin.

Ao atingir o rio, virou-se para trás. Os ratos o seguiam.

– *Póim! Póim!* – gritou, apontando com o dedo para o meio da corrente, onde a água fazia um redemoinho e era puxada para baixo como se descesse por um funil. E *tchibum! tchibum!*, sem hesitar, os ratos deram um salto, nadaram direto para o redemoinho, mergulharam de cabeça e desapareceram.

Os mergulhos continuaram sem cessar até à meia-noite.

Por último, arrastando-se com dificuldade, aproximou-se um enorme rato, grisalho de tão idoso, e parou à margem.

Era o rei do bando.

– Foram-se todos, meu caro Cinzento? – indagou o tocador.

– Foram-se todos – respondeu Cinzento.

– E quantos eram?

– Novecentos e noventa e nove mil novecentos e noventa e nove.

– Bem contados?

– Bem contados.

– Pois então vai-te e junta-te a eles, meu senhor, e adeus.

Então o velho rato grisalho lançou-se por sua vez para dentro do rio, nadou até o redemoinho e desapareceu.

Concluído o trabalho, o tocador de gaita de foles foi deitar-se na hospedaria. E, pela primeira vez em três meses, o povo de Hamelin dormiu tranquilamente a noite toda.

Na manhã seguinte, às nove horas, foi à prefeitura, onde o conselho da cidade o aguardava.

– Todos os vossos ratos mergulharam no rio ontem – disse aos conselheiros –, e garanto que nenhum deles vol-

tará. Eram novecentos e noventa e nove mil novecentos e noventa e nove, a um dinheiro por cabeça. Calculai!

– Reconheçamos primeiro as cabeças. Um dinheiro por uma cabeça é uma cabeça por um dinheiro. Onde estão as cabeças?

O tocador de gaita de foles não esperava por esse golpe traiçoeiro. Empalideceu de ódio, e seus olhos soltaram faíscas.

– As cabeças! – exclamou. – Se vos importam as cabeças, ide procurá-las no rio.

– Pois então – replicou o Conselheiro da Cidade –, recusas-te a cumprir os termos do acordo? Poderíamos recusar-te todo o pagamento. Porém, foste-nos útil, e não permitiremos que te vás sem uma recompensa.

E ofereceu-lhe cinquenta coroas.

– Ficai com vossa recompensa – respondeu o apanhador de ratos, cheio de orgulho. – Se não me pagardes, hei de ser pago por vossos herdeiros.

Dizendo isso, afundou o chapéu sobre os olhos, deixou apressadamente a prefeitura e abandonou a cidade sem dirigir palavra a absolutamente ninguém.

Quando o povo de Hamelin soube como o caso terminara, esfregou as mãos de contentamento e, com tanto escrúpulo quanto o Conselheiro da Cidade, zombou do apanhador de ratos, que fora apanhado, diziam eles, na própria armadilha. Todavia, o que mais os fez rir foi a ameaça de pagar-se pelos herdeiros. Rá! Que bom seria terem tais credores pelo resto de suas vidas!

No dia seguinte, que era um domingo, todos foram à igreja, imaginando que, depois da missa, poderiam enfim gozar de uma refeição que os ratos já não tivessem provado antes deles.

Jamais suspeitavam a terrível surpresa que os aguar-

dava em seu retorno para casa. Nenhuma criança em lugar algum, todas haviam desaparecido!

“Nossos filhos! Onde estarão nossos pobres filhos?”, foi o grito que logo ecoou por todas as ruas.

Então, pelo portão leste da cidade, surgiram três garotinhos aos prantos, e foi isto o que contaram:

Enquanto os pais estavam na igreja, ressoou pelos ares uma música maravilhosa. Não demorou muito, todos os meninos e meninas deixados em casa saíram, atraídos pelos sons mágicos, e acorreram ao mercado. Lá, encontraram o apanhador de ratos tocando sua gaita de foles no mesmo local da noite anterior. Então o forasteiro começou a andar depressa, e as crianças o seguiram, correndo, cantando e dançando ao som da música, até o pé da montanha que se avista ao entrar em Hamelin. A sua aproximação, a montanha abriu uma fresta, pela qual penetraram o tocador seguido pelos demais. Atrás deles, a montanha fechou-se novamente. Apenas aqueles três garotos que narravam a história ficaram do lado de fora, como que por milagre. Um deles tinha as pernas arqueadas e não conseguia correr rápido o suficiente; o outro deixara a casa com tanta pressa que saíra com um pé calçado e outro descalço e, assim, machucou-se em uma pedra e não pôde andar sem dificuldade; o terceiro chegara a tempo, mas, afobado para entrar junto com os outros, chocou-se violentamente contra a parede da montanha e caiu para trás bem no momento em que a fresta se fechava atrás de seus amigos.

Ao ouvir esse relato, os pais redobram seus lamentos. Correram à montanha com lanças e picaretas e procuraram até à noite pela abertura onde as crianças haviam penetrado, sem nada encontrar. Por fim, a noite caindo, voltaram a Hamelin, desolados.

Mas, de todos, o mais infeliz era o Conselheiro da Cidade, que perdera três garotos e duas lindas meninas. Para coroar sua desgraça, o povo de Hamelin despe-

---

---

---

jou sobre ele todo tipo de reprovações, esquecendo-se de que, na noite anterior, o haviam apoiado.

Que fim teriam levado todas essas pobres crianças?

Os pais mantiveram viva a esperança de que não estivessem mortas, e que o apanhador de ratos, o qual em algum momento deve ter saído da montanha, as tivesse levado consigo para seu país. Em virtude disso, por vários anos, procuraram pelas crianças em vários países, mas ninguém jamais encontrou sinal do paradeiro das pobrezinhas.

Somente muito tempo depois se obteve notícia delas.

Cerca de cento e cinquenta anos depois do acontecido, quando já não vivia nenhum daqueles pais, mães, irmãos ou irmãs, chegaram certa noite a Hamelin alguns comerciantes de Bremen, voltando do Leste, e pediram para falar aos cidadãos. Contaram que, ao cruzarem a Hungria, passaram alguns dias em uma região montanhosa chamada Transilvânia, onde os habitantes só falavam alemão, enquanto o povo em torno só falava húngaro. Essas pessoas declaravam ter vindo da Alemanha, mas não sabiam como tinham ido parar naquele país estranho. “Ora”, disseram os comerciantes de Bremen, “esses alemães não podem ser outros senão os descendentes das crianças desaparecidas de Hamelin.”

O povo de Hamelin não teve dúvida e, desde aquele dia, dá como certo que os transilvanianos da Hungria são seus compatriotas, cujos ancestrais, quando crianças, foram levados para lá pelo apanhador de ratos.

Há coisas mais difíceis de acreditar do que isso.

Extraído:

LANG, A. **O Fabuloso Livro Vermelho**. 1. ed. Porto Alegre: Concreta, 2018. v. 1. (Os fabulosos livros coloridos, 2).

---

---

---



Josimar Rodrigues  
<https://josimar.com.br>

## O FAZENDEIRO BARBATEMPO

P. C. Asbjornsen

Era uma vez um homem e uma mulher que tinham um filho único e ele se chamava Jacó. A mulher pensava ser dever do filho tomar um ofício e disse ao marido que o levasse a algum lugar.

– Deves arranjar-lhe um bom lugar onde se torne mestre de todos os mestres – disse ela. Então, pôs para eles um bocado de comida e um rolo de tabaco em uma sacola.

Bem, eles visitaram muitos grandes mestres, mas todos diziam que poderiam tornar o rapaz em alguém tão bom quanto eles, mas, melhor, ninguém poderia fazê-lo. Quando o homem voltou para a casa e contou à velha mulher essa resposta, ela disse:

– Ficarei igualmente satisfeita com o que quer que faças a ele, mas eis o que digo, tens de torná-lo o mestre de todos os mestres.

Dito isto, mais uma vez pôs um bocado de comida e um rolo de tabaco em uma sacola, e o homem e o filho partiram novamente.

Depois de percorrerem certa distância, chegaram a um local gélido e lá encontraram um homem em uma carruagem guiada por um cavalo negro.

– Aonde vais? – perguntou o homem que guiava a carruagem.

– Tenho de levar meu filho para ser aprendiz de alguém capaz de ensinar-lhe um ofício, pois minha velha vem de família abastada e insiste que ele seja feito o mestre de todos os mestres – respondeu o homem.

– Não foi de todo mal o nosso encontro – disse o

homem que guiava a carruagem –, visto que sou o tipo de homem que pode fazer isso e, justamente estou procurando tal aprendiz. Sobee na traseira da carruagem – ordenou ao rapaz. E o cavalo partiu, subindo pelos ares.

– Não! Não! Esperai um pouco – gritou o pai do rapaz. – Tenho de saber qual é o vosso nome e onde viveis.

– Oh! Estou em casa tanto no Norte como no Sul, no Leste como no Oeste e sou chamado de fazendeiro Barbatempo – disse o mestre. – Podes retornar daqui a um ano e te direi se o rapaz foi-me apropriado.

Dito isto, partiram novamente e desapareceram.

Quando o homem voltou para casa, a mulher perguntou o que fora feito do filho.

– Ah! Só Deus sabe o que lhe aconteceu! – respondeu o homem. – Alçaram voo pelos ares – e então, contou à mulher o que acontecera.

Entretanto, quando a mulher ouviu aquilo e descobriu que o homem nada sabia a respeito do término do aprendizado ou para onde tinha ido o filho, ela o pôs de volta na estrada para descobrir isso e deu-lhe uma sacola de comida e um rolo de tabaco para levar consigo.

Após caminhar por algum tempo, o homem chegou a um bosque enorme que se estendia diante dele por todo um dia de jornada. Quando a noite começou a cair, viu uma grande luz e foi em sua direção. Depois de muito, muito tempo, chegou a uma cabaninha aos pés de um rochedo. Fora da cabana estava uma anciã a tirar água do poço com seu nariz, que era muito comprido.

– Boa noite, mãezinha! – saudou o homem.

– Boa noite para ti também! – respondeu a anciã. – Ninguém me chamou de mãezinha nos últimos cem anos.

– Posso abrigar-me aqui por esta noite? – perguntou o homem.

– Não – disse a anciã. No entanto, o homem pegou

o rolo de tabaco, acendeu um punhado e, então, ofereceu-lhe um bocado. Ela ficou tão satisfeita que começou a dançar e, assim, o homem conseguiu passar ali a noite. Não demorou muito antes que perguntasse sobre o fazendeiro Barbatempo.

Ela disse que nada sabia a respeito, mas que regia todos os animais de quatro patas e alguns deles deveriam conhecê-lo. Assim, reuniu todos ao soprar um apito que trazia consigo e lhes questionou, porém, nenhum deles sabia coisa alguma a respeito do fazendeiro Barbatempo.

– Bem – disse a anciã –, somos três irmãs; pode ser que uma delas saiba onde deveis encontrá-lo. Toma emprestado o meu cavalo e a carruagem e assim chegarás à noite, mas a casa dela fica a uns cinco quilômetros de distância daqui. Vai pelo caminho mais curto que pudeses.

O homem partiu e chegou à noite ao local. Ao chegar, essa outra anciã também estava tirando água do poço com o nariz.

– Boa noite, mãezinha! – saudou o homem.

– Boa noite para ti! – respondeu a anciã. – Ninguém jamais me chamou de mãezinha nos últimos cem anos.

– Posso abrigar-me aqui por esta noite? – perguntou o homem.

– Não – disse a anciã.

Então, ele pegou o rolo de tabaco, deu uma baforada e pôs uma pitada de rapé no dorso da mão da anciã. Ela ficou tão encantada que começou a dançar, e o homem conseguiu permissão para passar toda a noite ali. Não demorou muito antes que começasse a perguntar pelo fazendeiro Barbatempo.

Ela nada sabia a respeito dele, mas disse reinar sobre todos os peixes e, talvez, alguns deles soubessem de alguma coisa. Dito isto, reuniu todos os peixes ao soprar um apito

---

---

---

que trazia consigo e lhes perguntou, mas não havia um que soubesse algo sobre o fazendeiro Barbatempo.

– Bem – disse a anciã –, tenho outra irmã; pode ser que saiba alguma coisa a respeito. Ela mora a dez quilômetros daqui, mas, toma meu cavalo e a carruagem, e assim chegarás lá ao cair da noite.

Assim, o homem partiu e lá chegou ao anoitecer. A anciã estava de pé, revolvendo a fogueira e o fazia com o nariz, de tão longo que era.

– Boa noite, mãezinha! – saudou o homem.

– Boa noite para ti! – respondeu a anciã. – Ninguém me chamou de mãezinha nesses últimos cem anos.

– Posso abrigar-me aqui esta noite? – perguntou o homem.

– Não – disse a anciã.

Novamente o homem pegou o rolo de tabaco, encheu o cachimbo com um punhado, e deu à velha rapé suficiente para cobrir o dorso da mão da anciã. Nessa altura, ela ficou tão encantada que começou a dançar, e o homem conseguiu permissão para ficar na casa. Não tardou muito até que perguntasse pelo fazendeiro Barbatempo. Ela disse nada saber a respeito dele, mas regia todos os pássaros; então, os reuniu com seu apito. Questionou a todos. A águia não estava presente, mas chegou depois e, quando perguntada, disse ter acabado de voltar da casa do fazendeiro Barbatempo. Então, a anciã disse que a águia deveria guiar o homem até o fazendeiro, mas a águia tinha de comer alguma coisa antes e, então, esperar até o dia seguinte, pois estava cansada pela longa jornada e quase não era capaz de erguer-se do solo.

Após a águia ter comido e descansado bastante, a velha tirou uma pena de sua cauda e pôs o homem no lugar da pena. Assim, o pássaro partiu com ele, mas não chegaram até a casa do fazendeiro Barbatempo senão à meia-noite.

Ao chegar, a águia disse:

– Há muitos corpos mortos estendidos do lado de fora da porta, mas não te preocupes com eles. As pessoas que estão dentro da casa estão tão aferradas no sono que não será fácil acordá-las. No entanto, debes ir direto ao aparador e pegar três nacos de pão e, se ouvires alguém a roncar, tira três penas da cabeça do fazendeiro; ele não será acordado por isso.

O homem assim o fez. Após ter pego os nacos de pão, puxou a primeira pena.

– Ui! – gritou o fazendeiro Barbatempo.

Então, o homem retirou outra pena, e aí o fazendeiro deu um grito agudo novamente. Entretanto, quando o homem puxou a terceira, o fazendeiro Barbatempo berrou tão alto que o homem pensou que os tijolos e o cimento se separariam, mas apesar disso, continuava a dormir. Nesse momento a águia disse ao homem o que fazer a seguir e ele o fez. Foi até a porta do estábulo e lá se deparou com uma pedra dura. Ele a pegou e debaixo dela estavam três lascas de madeira, que também guardou consigo. Bateu na porta do estábulo e esta se abriu imediatamente. Lançou os três nacos de pão e uma lebre apareceu e os comeu. Capturou a lebre. Feito isto, a águia ordenou-lhe que tirasse três penas de sua cauda e colocasse no lugar delas: a lebre, a pedra, as lascas de madeira e ele mesmo. Assim ela seria capaz de levá-los todos para casa.

Após a águia ter percorrido uma boa distância, pousaram em uma rocha.

– Vês alguma coisa? – perguntou a águia.

– Sim, vejo um bando de gralhas voando em nosso encalço – disse o homem.

– Então faremos bem se voarmos um pouco mais adiante – respondeu a águia, levantando voo. Pouco tempo depois, perguntou mais uma vez:

---

---

---

– Vês alguma coisa agora?

– Sim, agora o bando de gralhas está bem atrás – disse o homem.

– Então, lança as três penas que tiraste da cabeça do fazendeiro – ordenou a águia.

O homem assim o fez, e tão logo as lançou fora, as penas se transformaram em um bando de corvos, que espantaram as gralhas. Depois disso, a águia voou bem mais adiante com o homem, mas, a certa altura, pousaram noutra rocha por um tempo.

Logo, perguntou novamente:

– Vês alguma coisa?

– Não estou bem certo – disse o homem –, mas creio que vejo, à distância, algo vindo.

– Então devemos seguir voando mais um pouco – respondeu a águia, e partiram.

Passado algum tempo, a águia perguntou:

– Vês alguma coisa agora?

– Sim, estão bem perto de nós agora – respondeu o homem.

– Então, lança as lascas de madeira que pegaste debaixo da pedra cinzenta perto da porta do estábulo – ordenou a águia. O homem assim o fez, e logo que as lançou fora, elas se transformaram em um bosque muito espesso e o fazendeiro Barbatempo teve de voltar à casa e pegar o machado para abrir caminho por entre o bosque. Assim, a águia voou uma grande distância até que ficou cansada e pousou em um pinheiro.

– Vês alguma coisa?

– Não estou bem certo – disse o homem –, mas creio que posso vislumbrar alguma coisa bem longe.

– Então faremos bem em seguir voando um pouco mais – respondeu a águia, e partiu novamente.

Um tempo depois, perguntou de novo:

– Agora vês alguma coisa?

– Sim, agora estão bem atrás de nós – respondeu o homem.

– Então, debes lançar a pedra que tiraste da porta estábulo – disse a águia.

Assim fez o homem, e a pedra se transformou em uma grande montanha de pedra que o fazendeiro Barbatempo teve de rachar antes que pudesse segui-los. Contudo, ao chegar na metade da montanha, o fazendeiro quebrou uma das pernas, de modo que teve de voltar para casa de modo a colocá-la no lugar.

Enquanto o fazendeiro fazia isso, a águia voou para a casa do homem com ele e a lebre. Ao chegar em casa, o homem foi até o adro da igreja, pegou um punhado de terra cristã e a pôs sobre a lebre, que se transformou no seu filho Jacó.

Ao chegar a época da feira, o rapaz transformou-se em um cavalo de cor clara e levou o pai ao mercado.

– Se alguém vier e quiser comprar-me – disse o rapaz –, diz que valho cem dinheiros, mas não debes esquecer-te de tirar o cabresto, pois se não o fizeres nunca mais serei capaz de livrar-me do fazendeiro Barbatempo, visto que ele é o homem que virá me comprar.

E assim aconteceu. Surgiu um comprador de cavalos que tinha grande apreço por comprar um cavalo e o homem conseguiu cem dinheiros por ele. Após a compra, o pai de Jacó recebeu a quantia, mas o comprador queria ficar com o cabresto.

– Isso não fazia parte de nosso trato – afirmou o homem –, e não terás o cabresto, pois tenho outros cavalos para vender.

Cada um seguiu seu caminho. O comprador de cavalos, todavia, não andou muito com Jacó até que o rapaz vol-



tasse a assumir a antiga forma e, quando o homem chegou em casa, o rapaz estava sentado em um banco à beira do fogão.

No dia seguinte, o rapaz transformou-se em um cavalo castanho e disse ao pai que estava pronto para partirem juntos para o mercado.

– Caso alguém venha comprar-me – disse Jacó –, dize-lhe que queres duzentos dinheiros, pois isso ele te dará, além de te agraciar com um convite, mas o que quer que ele te dê para beber e o que quer que ele faça, não te esqueças de tirar-me o cabresto, ou nunca mais me verás novamente.

E assim aconteceu. O homem pagou duzentos dinheiros pelo cavalo e ganhou uma cortesia. Quando se separaram, esforçou-se por lembrar de retirar o cabresto. No entanto, o comprador não fora muito longe antes que o jovem recobrasse a forma mais uma vez e, quando o homem chegou à casa, Jacó já estava sentado no banquinho ao lado do fogão.

No terceiro dia tudo aconteceu da mesma maneira. O jovem transformou-se em um enorme corcel negro e disse ao pai que, se viesse um homem e lhe oferecesse trezentos dinheiros, e o tratasse bem e fosse muito generoso na negociação, que ele lhe vendesse, mas o que quer que o comprador fizesse ou o quanto bebesse, que o pai não se esquecesse de tirar o cabresto, caso contrário, ele nunca se libertaria do fazendeiro Barbatempo enquanto vivesse.

– Não – respondeu o homem –, não esquecerei.

Quando chegou ao mercado, o homem recebeu trezentos dinheiros, mas o fazendeiro Barbatempo o tratou tão bem que ele bem esqueceu de tirar o cabresto, de modo que o fazendeiro partiu com o cavalo.

Ao chegar a certa altura, o fazendeiro teve de ir a uma estalagem para comprar mais conhaque, de modo que amarrou um barril cheio de pregos quentes debaixo

---

---

---

das fuças do cavalo e um cocho cheio de aveia atrás da cauda. Após amarrar bem o cabresto no gancho, entrou na estalagem. Lá ficou o cavalo, batendo as patas, dando coices, bufando e empinando, quando surgiu uma moça que achava ser um pecado e uma vergonha tratar um cavalo tão mal assim.

– Ah, pobre criatura! Que dono deves ter para tratar-te assim! – disse ela, retirando o cabresto do gancho, de modo que o cavalo pudesse se virar e comer a aveia.

– Cá estou eu! – gritou de maneira estridente o fazendeiro Barbatempo, saindo apressadamente porta afora. O cavalo, contudo, já havia se desvencilhado do cabresto e se arremessado em um laguinho de gansos, onde transformou-se em peixinho. O fazendeiro Barbatempo foi atrás dele, tomando a forma de um grande lúcio. Assim, Jacó transformou-se em uma pomba e o fazendeiro Barbatempo, em um falcão que voou atrás da pomba e a atingiu. Entretanto, uma princesa estava na janela do palácio real assistindo à luta.

– Se soubesses apenas o que sei, tanto quanto sei, voarias em minha direção pela janela – disse a princesa à pomba.

Assim, a pomba voou pela janela e transformou-se de novo em Jacó, contando-lhe tudo o que acontecera.

– Transforma-te em um anel de ouro e põe-te no meu dedo – pediu a princesa.

– Não, não o farei – respondeu Jacó –, senão o Fazendeiro Barbatempo fará o rei ficar doente e ninguém poderá trazê-lo de volta à saúde até que o fazendeiro retorne e o cure e, para isso, exigirá o anel de ouro.

– Direi que era de minha mãe e que não iria apartar-me dele – afirmou a princesa. Assim, Jacó transformou-se em um anel de ouro e se pôs no dedo da princesa. O fazendeiro Barbatempo não podia chegar até ele ali. Entretanto, tudo o que o rapaz previra veio a acontecer.

---

---

---

O rei ficou doente e não havia médico que pudesse curá-lo, até que chegou o fazendeiro Barbatempo e exigiu o anel que estava na mão da princesa como recompensa. Então, o rei enviou um mensageiro para pedir o anel à princesa. Ela, no entanto, recusou-se a entregá-lo, pois o havia herdado de sua mãe. Ao ser informado disso, o rei sofreu um acesso de ira e disse que possuiria o anel, tivesse ela herdado de quem fosse.

– Bem, não adianta que vos irriteis a esse respeito – disse a princesa –, pois não posso retirá-lo. Se o quiserdes, tereis de tirar o dedo também!

– Tentarei, e muito em breve o anel sairá do dedo – afirmou o fazendeiro Barbatempo.

– Não, muito obrigada, tentarei eu mesma – disse a princesa, que foi até a lareira e colocou um pouco de cinza sobre o anel.

Desta maneira o anel saiu, mas perdeu-se por entre as cinzas.

O fazendeiro Barbatempo transformou-se em uma lebre, que arranhou e raspou a lareira em busca do anel até que estivesse com cinzas até as orelhas. Entretanto, Jacó transformou-se em uma raposa e arrancou a cabeça da lebre, e se o fazendeiro Barbatempo estava possuído pelo demônio, agora tudo estava acabado para ele.

Extraído:

LANG, A. **O Fabuloso Livro Vermelho**. 1. ed. Porto Alegre: Concreta, 2018. v. 1. (Os fabulosos livros coloridos, 2).

## O MENDIGO E A DONZELA ORGULHOSA

Rainer Maria Rilke

Sucedeu que nós dois — o sr. professor e eu — testemunhamos este pequeno acontecimento. Perto de nossa casa, à beira do bosque, aparece de quando em quando um velho mendigo. Hoje esteve lá de novo, mais pobre e miserável do que nunca, indistinguível quase, graças a um compassivo mimetismo, dos sarrafos da carcomida cerca onde se encostava. De repente uma meninazinha aproximou-se dele para dar-lhe um tostão. O que fazia nada tinha de admirável; surpreendente era apenas o modo por que o fazia. Fez uma mesura, bem direito, deu o presente ao velho, depressa, como para evitar que outros vissem, fez outra mesura, e lá se foi — mas essas duas mesuras eram dignas pelo menos de um imperador.

O sr. professor estava particularmente aborrecido. Quis logo dirigir-se ao mendigo, sem dúvida para enxotá-lo de perto da cerca, pois, como se sabe, pertencia ao comitê da associação de caridade e tinha forte aversão à mendicância nas ruas. Detive-o.

— Estes homens são auxiliados por nós, até abastecidos, pode-se dizer — afirmou com veemência. — O fato de se atreverem a mendigar nas ruas é simplesmente desaforo!

— Ilustre sr. professor — procurei tranquilizá-lo, mas ele continuava a puxar-me para a beira do bosque. — Ilustre sr. professor — pedi-lhe —, tenho uma história para lhe contar.

— Com tanta pressa? — perguntou-me, mordaz.

Eu, porém, levei a pergunta a sério:

– Sim senhor, agora mesmo, antes de o professor esquecer o que acabamos de observar casualmente.

O professor desconfiava de mim desde a minha última história. Eu o lia no seu rosto, e preveni-o:

– Mas não é sobre o bom Deus, absolutamente não. Deus não figura na minha história. É uma história histórica.

Com esta palavra venci. Basta pronunciar “histórico” para qualquer professor apurar os ouvidos; de fato, a história é coisa inteiramente respeitável, isenta de sutilezas e, mais de uma vez, aproveitável na pedagogia. Vi o sr. professor limpar de novo os óculos, sinal de que a força visual se lhe transportava para os ouvidos. Aproveitando com habilidade esse momento favorável, comecei:

– Era em Florença. Lourenço de Médicis, moço, ainda não príncipe, acabara de conceber o Trionfo di Bacco e Ariana, e já este poema repercutia por todos os jardins. Havia então canções vivas. Brotavam do íntimo obscuro do poeta, apoderavam-se das vozes e, como em canos de prata, atiravam-se nelas, sem medo, para o desconhecido. O poeta principiava uma canção, e todos os que a cantavam terminavam-na. No Trionfo, como na maior parte dos cantos daquela época, festeja-se a vida, esse violino de cordas claras e sonoras, com o fundo escuro que é o sussurro do sangue. As estrofes, de extensão desigual, sobem com alegre embriaguez, mas no alto, lá onde perdem a respiração, brota de cada vez um estribilho simples e leve que se debruça da altura vertiginosa e, receoso do abismo, parece fechar os olhos. Reza assim:

*Com'è bella giovinezza,  
Che si fugge tuttavia!  
Chi vuol esser lieto, sia,  
Di doman non c'è certezza<sup>3</sup>.*

3 Tradução desses versos italianos: “Como é bela a mocidade!/  
Mas tão rápida nos foge!/  
Sejamos alegres hoje,/  
Do amanhã saber quem há-de?”

“Não é de estranhar que os homens que entoavam esse poema tivessem sido empolgados por uma precipitação, uma vontade de amontoar todas as festas naquele hoje, a única rocha sobre a qual vale a pena construir? Assim se pode explicar o tumulto nos quadros dos pintores florentinos, que diligenciavam reunir numa só pintura todos os seus príncipes, suas mulheres e seus amigos; pintava-se devagar, e ninguém podia saber se no momento do próximo quadro todos eles seriam ainda tão jovens, coloridos e unidos. Esse espírito da impaciência exprimia-se naturalmente com mais clareza nos moços.

“Os mais brilhantes destes últimos, sentados, após um banquete, no terraço do Palazzo Strozzi, conversavam dos jogos que iam ser realizados proximamente diante da Igreja da Santa Croce. Um pouco à parte, numa *loggia*<sup>4</sup>, estava Palla degli Albizzi com seu amigo Tomaso, o pintor. Pareciam discutir com animação cada vez mais viva, até que Tomaso exclamou: — ‘Isto nunca farás, aposto que não o farás!’ Nisto os outros se voltaram para eles. — ‘De que se trata?’ — perguntou Gaetano Strozzi, aproximando-se com alguns companheiros. — ‘Palla pretende — explicou — ajoelhar-se, durante a festa, aos pés de Beatrice Altichieri, a altiva, pedindo-lhe permissão para lhe beijar a poeirenta bainha do vestido.’ Todos riram, e Leonardo, da família Ricardi, observou: — ‘Palla há de pensar, antes; ele bem sabe que as mais formosas damas têm para ele um sorriso que ninguém lhes vê para os outros.’

“O outro acrescentou: — ‘Beatrice, aliás, é tão moça ainda! Os seus lábios são de uma infantil dureza que lhes impede sorrir. Por isso é que parece tão altiva!’ — ‘Não — replicou Palla degli Albizzi com exagerada veemência. — Se ela é altiva, isso não é culpa da sua mocidade. É altiva como uma pedra nas mãos de Miguel Ângelo, altiva como uma flor em imagem da madona, altiva com um raio de sol que atravessa diamantes...’ Gaetano Strozzi interrom-

---

4 Loggia: galeria. (Em italiano, no texto.)

peu-o com certa severidade: — ‘E tu, Palla, não és altivo, tu também? Ouvindo-te, tenho a impressão de que desejas colocar-te entre os mendigos que, ao toque das ave-marias, aguardam no adro da Santíssima Annunziata que Beatrice Altichieri lhes dê, com os olhos desviados, um soldo.’ — ‘É isso que farei!’ — exclamou Palla com o olhar cintilante; e, acotovelando os amigos, dirigiu-se à escada, onde desapareceu. Tomaso quis correr-lhe atrás. — ‘Deixe-o — conteve-o Strozzi. — Tem de ficar sozinho agora; assim lhe voltará o juízo mais cedo.’ Nisto os moços se espalharam pelo jardim. No adro da Santíssima Annunziata, essa tarde também, uns vinte mendigos esperavam o toque das ave-marias. Beatrice, que os conhecia a todos pelo nome e de vez em quando lhes descia até às pobres moradas, ao pé da Porta de San Niccolò, para visitar as crianças e os doentes, costumava, ao passar por eles, dar a cada um uma moedinha de prata. Naquele dia, parecia estar atrasada; já os sinos tinham chamado, e apenas uns fiozinhos de sua voz pendiam, ainda, das torres sobre o crepúsculo. Os pobres foram tomados de certa inquietação, tanto mais quanto um mendigo novo, desconhecido, se esgueirava nas trevas da porta da igreja. Jam protestar, por inveja, quando uma donzela jovem, de vestido preto quase de freira, apareceu no adro e, retardada pela sua bondade, dirigiu-se a um, depois a outro, enquanto uma de suas companheiras segurava uma bolsa aberta, de onde ela retirava os seus pequenos presentes. Os mendigos caíam de joelhos, soluçavam, e com os seus dedos murchos procuravam tocar, um segundo pelo menos, a cauda do vestido simples de sua benfeitora, ou beijavam-lhe a orla com lábios balbuciantes e úmidos. Chegava Beatrice à extremidade da fila; não faltava nenhum dos pobres seus conhecidos. Foi então que avistou, na sombra da porta, mais uma figura em trapos, desconhecida, e assustou-se. Era um acontecimento para deixá-la conturbada. Conhecia todos os seus pobres desde criança, e esmolá-los tinha-se tornado para ela coisa natu-

---

---

---

ral, como o gesto de mergulhar os dedos na pia de mármore, cheia de água benta, que nos acolhe à entrada de toda igreja. Mas nunca lhe ocorrera pudessem existir mendigos estranhos; como se podia reivindicar o direito de os esmolar também, se a gente não merecera a confiança de sua pobreza por algum conhecimento que dela houvesse? Não seria de uma presunção incrível oferecer esmola a um desconhecido? No conflito desses obscuros sentimentos passou a menina, como se não o tivesse visto, pelo novo mendigo, e pressurosa entrou na igreja alta e fresca. Mas, ao começar as suas devoções, não se lembrava de nenhuma prece. Foi tomada de angústia ao pensar que, terminadas as ave-marias, talvez o pobre não mais se encontrasse à porta da igreja, e que ela não fizera nada para aliviar-lhe a miséria, agora que a noite vinha tão perto, a noite, quando a pobreza é mais desamparada e triste. Fez sinal à companheira que trazia a bolsa e retirou-se com ela em direção à entrada. O adro tinha-se esvaziado, mas o estranho lá estava sempre, encostado a uma coluna, e parecia escutar o canto que, saído embora da igreja, vinha de muito longe, como que do céu. Trazia o rosto quase inteiramente coberto, como fazem os leprosos, que em geral não descobrem suas chagas repugnantes a não ser quando lhes ficamos bem perto e eles estão certos de que compaixão e nojo falam igualmente em seu favor. Beatrice hesitava. Segurava a própria bolsa, onde suas mãos só encontravam umas poucas moedas. De repente, com rápida decisão, aproximou-se do pedinte e disse com voz incerta, algo cantante, sem levantar das mãos os olhos fugitivos: — ‘Sem querer ofender-vos, senhor... parece-me, se bem vos conheço, ter eu uma dívida convosco. Foi vosso pai, se não me engano, que fez em nossa casa a rica balaustrada, aquela de ferro batido, já sabeis, que nosorna a escadaria. Ao depois, um dia... encontraram no gabinete... onde ele costumava trabalhar... uma bolsa... deve tê-la perdido... com certeza...’ Mas a desesperada mentira dos seus lábios vergou-lhe os joelhos

---

---

---



diante do estrangeiro. Meteu-lhe à força a bolsa de brocado nas mãos cobertas pelo manto, e balbuciou: — ‘Perdoai...’ Ainda sentiu que o mendigo tremia. Então, com a companhia assustada, Beatrice refugiou-se na igreja. Pela porta entreaberta jorrava um breve júbilo de vozes. — A história está acabada. Messer Palla degli Albizzi ficou em seus trapos. Distribuiu tudo o que tinha, e, pobre, descalço, lá se foi por esse mundo fora. Dizem que algum tempo depois passou a morar perto de Subiaco.”

— Que tempo aquele! — exclamou o sr. professor. — Aliás, de que servia tudo isso? O moço estava caminhando para ser um estroina; esse acontecimento fez dele um vagabundo, um original. Hoje, decerto, ninguém mais se lembra dele.

— Desculpe — repliquei modestamente —, o nome do moço é lembrado de vez em quando nas igrejas católicas, entre os intercessores, nas grandes ladainhas, pois acabou santo.

As crianças vieram a saber desta história, e pretendem, em que pese ao sr. professor, que nela também figure o bom Deus. Até eu fico surpreendido com isso, pois prometera ao sr. professor contar-lhe uma história sem o bom Deus. Mas, naturalmente, as crianças devem sabê-lo.

#### **Extraído:**

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: o realismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 5. (Mar de História, 5).

## O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

**Lima Barreto**

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil Blas vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos, observou a esmo:

– Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo!

– Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho agüentado lá, no consulado!

– Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

– Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês!

– Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?

– Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.

– Conta lá como foi. Bebes mais cerveja?

– Bebo.

Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

— Eu tinha chegado havia pouco ao Rio estava literalmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no Jornal do Comércio o anúncio seguinte:

“Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas etc.” Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os “cadáveres”. Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a *Grande Encyclopédie*, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e a língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo maleo-polinésico, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.

A *Encyclopédie* dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronunciação figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras. Na minha cabeça dançavam hieróglifos; de quando em quando consultava as minhas notas;

entrava nos jardins e escrevia estes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los.

À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas do encarregado, ainda continuei no quarto a engolir o meu “a-b-c” malaio, e,

com tanto afincio levei o propósito que, de manhã, o sabia perfeitamente.

Convenci-me que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí; mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos aluguéis dos cômodos:

– Senhor Castelo, quando salda a sua conta?

Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperança:

– Breve... Espere um pouco... Tenha paciência... Vou ser nomeado professor de javanês, e...

Por aí o homem interrompeu-me:

– Que diabo vem a ser isso, Senhor Castelo?

Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem:

– É uma língua que se fala lá pelas bandas do Timor. Sabe onde é?

Oh! alma ingênuo! O homem esqueceu-se da minha dívida e disse-me com aquele falar forte dos portugueses:

– Eu cá por mim, não sei bem; mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de Macau. E o senhor sabe isso, Senhor Castelo?

Animado com esta saída feliz que me deu o javanês, voltei a procurar o anúncio. Lá estava ele. Resolvi animosamente propor-me ao professorado do idioma oceânico. Redigi a resposta, passei pelo Jornal e lá deixei a carta. Em seguida, voltei à biblioteca e continuei os meus estudos de javanês. Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alfabeto javanês o único saber necessário a um professor de língua malaia ou se por ter me empenhado mais na bibliografia e história literária do idioma que ia ensinar.

Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz, Barão de Jacuecanga, à Rua Conde de Bonfim, não me recordo bem que numero. E preciso não te esqueceres que entrementes continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanês.

Além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também perguntar e responder “como está o senhor?” - e duas ou três regras de gramática, lastrado todo esse saber com vinte palavras do léxico.

Não imaginas as grandes dificuldades com que lutei, para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É mais fácil - podes ficar certo - aprender o javanês... Fui a pé. Cheguei suadíssimo; e, Com maternal carinho, as anosas mangueiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me receberam, me acolheram e me reconfortaram. Em toda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a sentir a simpatia da natureza...

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava mal tratada, mas não sei porque me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou mal cuidadas.

Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begônias. Os crótons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de cores mortíferas. Bati. Custaram-me a abrir. Veio, por fim, um antigo preto africano, cujas barbas e cabelo de algodão davam à sua fisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e sofrimento.

Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfunadas pelos redondos vestidos à balão; mas, daquelas velhas coisas, sobre as quais a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China ou da Índia, como se diz. Aquela pureza da louça, a sua fragilidade, a ingenui-

---

---

---

dade do desenho e aquele seu fosco brilho de luar, diziam-me a mim que aquele objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desiludidos...

Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto trôpego, com o lenço de alcobaça na mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fosse ele o discípulo, era sempre um crime mistificar aquele ancião, cuja velhice trazia à tona do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei.

— Eu sou, avancei, o professor de javanês, que o senhor disse precisar.

— Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio?

— Não, sou de Canavieiras.

— Como? fez ele. Fale um pouco alto, que sou surdo, — Sou de Canavieiras, na Bahia, insisti eu. — Onde fez os seus estudos?

— Em São Salvador.

— Em onde aprendeu o javanês? indagou ele, com aquela teimosia peculiar aos velhos.

Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Contei-lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês.

— E ele acreditou? E o físico? perguntou meu amigo, que até então me ouvira calado.

— Não sou, objetei, lá muito diferente de um javanês. Estes meus cabelos corridos, duros e grossos e a minha pele basané podem dar-me muito bem o aspecto de um

---

---

---

mestiço de malaio...Tu sabes bem que, entre nós, há de tudo: índios, malaios, taitianos, malgaches, guanches, até godos. É uma comparsaria de raças e tipos de fazer inveja ao mundo inteiro.

– Bem, fez o meu amigo, continua.

– O velho, emendei eu, ouviu-me atentamente, considerou demoradamente o meu físico, pareceu que me julgava de fato filho de malaio e perguntou-me com doçura:

– Então está disposto a ensinar-me javanês?

– A resposta saiu-me sem querer: – Pois não.

– O senhor há de ficar admirado, aduziu o Barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...

– Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos muito fecundos...?

– O que eu quero, meu caro senhor...

– Castelo, adiantei eu.

– O que eu quero, meu caro Senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que eu sou neto do Conselheiro Albernaz, aquele que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro em língua esquisita, a que tinha grande estimação. Fora um hindu ou siamês que lho dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse: “Filho, tenho este livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo deu que ele evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guarda-o; mas, se queres que o fado que me deitou o sábio oriental se cumpra, faze com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz.” Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na história; contudo, guardou o livro. Às portas da morte, ele mo deu e disse-me o que prometera ao pai. Em começo, pouco

caso fiz da história do livro. Deitei-o a um canto e fabriqueei minha vida. Cheguei até a esquecer-me dele; mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgosto, tantas desgraças têm caído sobre a minha velhice que me lembrei do talismã da família. Tenho que o ler, que o compreender, se não quero que os meus últimos dias anunciem o desastre da minha posteridade; e, para entendê-lo, é claro, que preciso entender o javanês. Eis aí.

Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.

Veio o livro. Era um velho calhamaço, um in-quarto antigo, encadernado em couro, impresso em grandes letras, em um papel amarelado e grosso. Faltava a folha do rosto e por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas páginas de prefácio, escritas em inglês, onde li que se tratava das histórias do príncipe Kulanga, escritor javanês de muito mérito.

Logo informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha chegado aí pelo inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. Estive ainda folheando o cartapácio, à laia de quem sabe magistralmente aquela espécie de vasconço, até que afinal contratamos as condições de preço e de hora, comprometendo-me a fazer com que ele lesse o tal alfarrábio antes de um ano.

Dentro em pouco, dava a minha primeira lição, mas o velho não foi tão diligente quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras. Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o Senhor Barão de Jacuecanga não ficou lá muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia.

---

---

---



A filha e o genro (penso que até aí nada sabiam da história do livro) vieram a ter notícias do estudo do velho; não se incomodaram. Acharam graça e julgaram a coisa boa para distraí-lo.

Mas com o que tu vais ficar assombrado, meu caro Castro, é com a admiração que o genro ficou tendo pelo professor de javanês. Que coisa Única! Ele não se cansava de repetir: “É um assombro! Tão moço! Se eu soubesse isso, ah! onde estava!”

O marido de Dona Maria da Glória (assim se chamava a filha do barão), era desembargador, homem relacionado e poderoso; mas não se pejava em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo meu javanês. Por outro lado, o barão estava contentíssimo. Ao fim de dois meses, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse-me ele; nada se opunha que outrem o traduzisse e ele ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens!...

Ficava extático, como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos!

Fez-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, aumentava-me o ordenado. Passava, enfim, uma vida regalada.

Contribuí muito para isso o fato de vir ele a receber uma herança de um seu parente esquecido que vivia em Portugal. O bom velho atribuiu a cousa ao meu javanês; e eu estive quase a crê-lo também.

Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive medo que me aparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá malaio. E esse meu temor foi grande, quando o doce barão me mandou com uma carta ao Vis-

conde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe todas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo. — “Qual! retrucava ele. Vá, menino; você sabe javanês!” Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Estrangeiros com diversas recomendações. Foi um sucesso.

O diretor chamou os chefes de seção: “Vejam só, um homem que sabe javanês — que portento!”

Os chefes de seção levaram-me aos oficiais e amanuenses e houve um destes que me olhou mais com ódio do que com inveja ou admiração. E todos diziam: “Então sabe javanês? É difícil? Não há quem o saiba aqui!”

O tal amanuense, que me olhou com ódio, acudiu então: “É verdade, mas eu sei canaque. O senhor sabe?” Disse-lhe que não e fui à presença do ministro.

A alta autoridade levantou-se, pôs as mãos às cadeiras, concertou o pince-nez no nariz e perguntou: “Então, sabe javanês?” Respondi-lhe que sim; e, à sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a história do tal pai javanês. “Bem, disse-me o ministro, o senhor não deve ir para a diplomacia; o seu físico não se presta... O bom seria um consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para o ano, parta para Bale, onde vai representar o Brasil no Congresso de Linguística. Estude, leia o Hovelacque, o Max Müller, e outros!”

Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios.

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente e fez-me uma deixa no testamento.

Pus-me com afã no estudo das línguas maleo-polinésicas; mas não havia meio!

Bem jantado, bem-vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas. Comprei livros, assinei revistas: *Revue Anthropologique et Linguistique*, *Proceedings of the English-Oceanic Association*, *Archivo Glottologico Italiano*, o diabo, mas nada! E a minha fama crescia. Na rua, os informados apontavam-me, dizendo aos outros: “Lá vai o sujeito que sabe javanês.” Nas livrarias, os gramáticos consultavam-me sobre a colocação dos pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos sequiosos de entenderem o tal javanês. A convite da redação, escrevi, no *Jornal do Comércio* um artigo de quatro colunas sobre a literatura javanesa antiga e moderna...

– Como, se tu nada sabias? interrompeu-me o atento Castro.

– Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas de geografias, e depois citei a mais não poder.

– E nunca duvidaram? perguntou-me ainda o meu amigo.

– Nunca. Isto é, uma vez quase fico perdido. A polícia prendeu um sujeito, um marujo, um tipo bronzeado que só falava uma língua esquisita. Chamaram diversos intérpretes, ninguém o entendia. Fui também chamado, com todos os respeitos que a minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-me em ir, mas fui afinal. O homem já estava solto, graças à intervenção do cônsul holandês, a quem ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas. E o tal marujo era javanês – uf!

Chegou, enfim, a época do congresso, e lá fui para a Europa. Que delícia! Assisti à inauguração e às sessões preparatórias. Inscreveram-me na seção do tupi-guarani e eu abalei para Paris. Antes, porém, fiz publicar no *Mensageiro de Bale* o meu retrato, notas biográficas e bibliográ-

ficas. Quando voltei, o presidente pediu-me desculpas por me ter dado aquela seção; não conhecia os meus trabalhos e julgara que, por ser eu americano brasileiro, me estava naturalmente indicada a seção do tupi-guarani. Aceitei as explicações e até hoje ainda não pude escrever as minhas obras sobre o javanês, para lhe mandar, conforme prometi.

Acabado o congresso, fiz publicar extratos do artigo do Mensageiro de Bale, em Berlim, em Turim e Paris, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete, presidido pelo Senador Gorot. Custou-me toda essa brincadeira, inclusive o banquete que me foi oferecido, cerca de dez mil francos, quase toda a herança do crédulo e bom Barão de Jacuecanga.

Não perdi meu tempo nem meu dinheiro. Passei a ser uma glória nacional e, ao saltar no cais Pharoux, recebi uma ovação de todas as classes sociais e o presidente da república, dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia.

Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia.

– É fantástico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.

– Olha: se não fosse estar contente, sabes que ia ser?

– Que?

– Bacteriologista eminente. Vamos?

– Vamos.

Extraído:

Gazeta da Tarde, Rio - 28/04/1911

Josimar Rodrigues  
<https://josimar.com.br>

## UMA ÁRVORE DE NATAL E UM CASAMENTO

**Fiodor Dostoiévski**

Um dia destes, vi um casamento... mas não, prefiro falar-vos de uma árvore de Natal. Achei o casamento bem bonito, mas a árvore de Natal me agradou mais. Nem sei como, olhando para o casamento, me lembrei da árvore. Eis como o caso se passou.

Há cerca de cinco anos, fui convidado, na véspera de Natal, para um baile infantil. A pessoa que me convidou era um conhecido homem de negócios, cheio de relações e maquinações, assim, não se há de estranhar que o baile infantil servisse apenas de pretexto para os pais se reunirem e, no meio da multidão, se ocuparem dos seus interesses materiais com ar inocente e surpreendido.

Como houvesse chegado ali por acaso e não tivesse nenhum assunto comum com os outros, passei a noite de maneira muito independente. Havia mais um cavalheiro que, como eu, não tinha, decerto, conhecidos no grupo, e participava casualmente da felicidade familiar. Ele deu-me na vista antes de todos. Era um homem alto e magro, muito sério, vestido muito decentemente. Notava-se que a felicidade da família não lhe comunicava a menor alegria; mal se retirava a um cantinho, cessava de sorrir e franzia as sobranceiras espessas e negras. Afora o dono da casa, não conhecia viva alma em todo o baile. Via-se que ele se entediava horripelmente, mas que resolvera manter até o fim o papel do homem que se diverte e é feliz. Soube depois que era um provinciano vindo à capital a algum negócio importante e complicado. Trouxera carta de recomendação para o nosso hospedeiro, que o protegia, porém não

*con amore*<sup>5</sup>. E o convidara, por cortesia, para o baile infantil. Não jogavam cartas com o provinciano, ninguém lhe oferecia um charuto nem com ele entabulava conversação, talvez porque reconhecessem de longe o pássaro pela plumagem, e, desse modo, o meu cavalheiro via-se obrigado, para ter que fazer das mãos, a alisar a noite inteira as suas suíças. Eram, aliás, umas suíças realmente belas — porém ele as acariciava com tanto zelo que a gente, ao fitá-lo, sentia-se inclinada a pensar que primeiro vieram ao mundo as suíças e só depois o homem, para cofiá-las, inserido entre elas.

Além desse personagem, que tomava parte na felicidade do dono da casa, pai de cinco garotos bem nutridos, do modo que acabo de relatar, outro convivia caíra no meu agrado. Mas este era de aspecto completamente diverso. Era um personagem a quem os outros chamavam Julião Mastakovitch. Percebia-se à primeira vista que era ele o convidado de honra. Estava para o dono da casa como este para o cavalheiro que aflagava as suíças. O dono e a dona da casa falavam-lhe com amabilidade extraordinária, cortejavam-no, enchiam-lhe o copo, amimavam-no, e lhe apresentavam, recomendando-os, vários convidados, ao passo que a ele não o apresentavam a ninguém. Notei até uma lágrima nos olhos do hospedeiro quando Julião Mastakovitch observou que raras vezes passara o tempo de maneira agradável como aquela noite. Comecei a sentir-me acabrunhadíssimo em presença de semelhante figura, e, depois de haver admirado as crianças, retirei-me a um pequeno salão, totalmente vazio, e fui sentar-me sobre o florido caramanchão da dona de casa, o qual ocupava quase a metade de toda a peça.

Eram as crianças incrivelmente gentis, e não queriam, apesar de todas as exortações das mães e das governantas, parecer-se com as pessoas grandes. Num piscar de olhos desmontaram toda a árvore de Natal, e conseguiram

---

5 *Con amore*: “com amor”. (Em italiano, no texto.)

---

---

quebrar a metade dos brinquedos antes mesmo de saber a quem eram destinados. Achei particularmente engraçado um menino de olhos pretos e cabelos frisados que à viva força me queria matar com a sua espingarda de pau. Entretanto, mais que todos, atraía-me a atenção sua irmã, menina de 11 anos, um amor de criança, meiga, cismativa, pálida, com grandes olhos sonhadores à flor do rosto. Parecia que os amiguinhos a tinham ofendido, pois veio ao salão onde eu estava sentado e, a um cantinho, pôs-se a brincar com suas bonecas. Os convidados apontavam, com respeito, um rico negociante, pai da menina, e alguém observou, cochichando, que ela já tinha trezentos mil rublos reservados como dote. Voltei-me para ver quem se interessava por esses pormenores, e o meu olhar caiu sobre Julião Mastakovitch, o qual, de mãos cruzadas atrás das costas e inclinando a cabeça para um lado, parecia acompanhar com particular atenção o mexerico de alguns senhores.

Pouco depois, não pude furtar-me a admirar a sabedoria dos anfitriões na distribuição dos brindes às crianças. A menina que já tinha seus trezentos mil rublos de dote ganhou uma boneca suntuosíssima. Desde então os presentes foram diminuindo de valor, de acordo com a diminuição da importância dos pais daquelas crianças felizes. Afinal, a última, um menino de dez anos, magrinho, baixinho, sardento e ruivo, ganhou apenas um livrinho de contos sobre as maravilhas da natureza, as lágrimas da sensibilidade etc., sem estampas e até sem vinhetas. Filho da governanta dos meninos da casa, uma pobre viúva, era um pequeno muitíssimo encolhido e tímido, metido num pobre paletozinho de nanquim. Recebido o seu livrinho, andou muito tempo à volta dos brinquedos dos outros. Tinha uma vontade imensa de brincar com as outras crianças, mas não se atrevia; claro, já sabia e compreendia sua situação.

Gosto muito de observar crianças. São sobremodo curiosas as suas primeiras manifestações independentes

---

---

---



na vida. Notei, pois, que o menino ruivo se deixava seduzir pelos brinquedos dos outros, sobretudo pelo teatro, em que ele se empenhava para representar um papel qualquer, a ponto de aviltar-se. Pegou a sorrir. Pegou a sorrir para os outros, a cortejá-los, deu a sua maçã a um pequeno gordo que já tinha o lenço cheio de presentes, e até se ofereceu a carregar outro, só para que não o afastassem do teatro. No entanto, poucos minutos após um rapazinho arrogante deu-lhe uma boa surra. O ruivinho nem teve coragem de chorar. Logo apareceu sua mãe, a governanta e ordenou-lhe não se intrometesse nos brinquedos alheios. O menino retirou-se para o salão onde estava a menina bonita. Esta o deixou aproximar-se, e as duas crianças entraram a enfeitar a suntuosa boneca.

Fazia já meia hora que eu estava sentado no caramanchão de hera, e quase adormecera ao zum-zum da conversa entre o ruivinho e a menina dos trezentos mil rublos de dote, que se entretinham a respeito da boneca, quando de repente vi entrar no salão Julião Mastakovitch. Aproveitando a distração dos presentes com uma briga surgida entre as crianças, saíra do salão principal sem fazer barulho. Notara eu, poucos minutos antes, que ele mantinha animada palestra com o pai da futura noiva rica, a quem mal acabara de conhecer, explicando-lhe as vantagens de qualquer emprego público sobre os demais. Parou à porta, tomando de hesitação, e parecia calcular alguma coisa nas pontas dos dedos.

— Trezentos... trezentos — murmurava. — 11... 12... 13... até 16, são cinco anos!... Façamos de conta que sejam quatro por cento, são 12... cinco vezes 12, sessenta; estes sessenta... bem, calculados por alto, ao cabo de cinco anos serão quatrocentos. Está certo... Mas naturalmente o malandro não os terá colocado a quatro por cento! Talvez receba oito ou até dez por cento. Suponhamos que sejam quinhentos, no mínimo, sim, quinhentos mil, na certa... o excedente gasta-se no enxoval, hum...

Acabou a meditação, assoou-se, e indo a sair do salão, súbito avistou a menina e estacou. Como eu estivesse assentado atrás dos vãos de flores, não me pôde ver. Tive a impressão de que o homem se achava muito excitado. Seria o cálculo que operava esse efeito sobre ele, ou outro motivo qualquer? Não sei; seja como for, o certo é que esfregava as mãos e não conseguia permanecer no mesmo lugar. Quando a sua agitação chegou ao cúmulo, parou um instante e lançou um segundo olhar, muito resoluto, à futura noiva. Quis aproximar-se dela, mas primeiro olhou em redor. Depois, como quem tem sentimentos criminosos, aproximou-se da criança nas pontas dos pés. Com um sorrisinho nos lábios, inclinou-se para ela e beijou-a na testa. A menina, não esperando a agressão, gritou assustada.

– Que é que você está fazendo aqui bela menina? – perguntou ele em voz baixa.

E, olhando em torno de si, deu-lhe uma palmadinha no rosto.

– Estamos brincando...

– Com ele? – disse Julião Mastakovitch fitando o menino de esguelha.

E logo acrescentou:

– Escuta, meu amigo, por que não vais para o salão?

O menino fitava-o sem falar, de olhos arregalados. Julião Mastakovitch olhou de novo em redor e aproximou-se outra vez da pequena.

– Que é que você tem aí, bela menina? Uma bonequinha?

– Uma bonequinha – respondeu a criança de cara fechada, cabisbaixa.

– Uma bonequinha... Mas você sabe, gentil menina, de que é feita a bonequinha?

– Não sei... – cochichou a pequena, abaixando ainda mais a cabeça.

---

---

---

— De trapos, minha alma... Mas tu, meu filho, deverias ir para o salão brincar com teus camaradas — disse Julião Mastakovitch encarando o menino com seriedade.

As duas crianças franziram a testa e agarraram-se pela mão. Não queriam separar-se.

— Sabe você por que lhe deram essa bonequinha? — perguntou Julião Mastakovitch baixando cada vez mais a voz.

— Não.

— Porque você é uma criança boa e se comportou bem a semana toda.

Perturbado a mais não poder, Julião Mastakovitch lançou mais uma vez um olhar em roda, e baixou a voz de modo que a sua pergunta, formulada em tom impaciente e embargada pela emoção, saiu quase imperceptível:

— Diga-me, gentil menina: você gostará de mim se eu fizer uma visita a seus pais?

Havendo proferido tais palavras, Julião Mastakovitch quis beijar a pequena mais uma vez; mas o menino ruivo, vendo-a prestes a romper no choro, puxou-a pela mão e, compadecido, começou ele próprio a choramingar.

Dessa vez Julião Mastakovitch aborreceu-se deveras.

— Vá-te embora — disse ao menino. — Vai para a sala brincar com os teus camaradas.

— Não vá, não — protestou a menina. — Você é que deve ir-se embora. Deixe-o aqui, deixe-o — disse quase soluçando.

Alguém fez barulho à porta. Assustado, Julião Mastakovitch ergueu no mesmo instante o corpo majestoso. O menino ruivo, porém, assustou-se ainda mais do que ele, largou a mão da menina e, devagarinho, roçando a parede, caminhou do salão à sala de jantar. Para não despertar suspeitas, Julião Mastakovitch também passou à sala de jantar. Estava vermelho feito uma lagosta e, mirando-se ao espe-

lho, parecia até envergonhado de si mesmo, talvez arrependido da sua sofreguidão. Teria sido o cálculo feito na ponta dos dedos que o arrebatara a ponto de inspirar-lhe, apesar de toda a sua seriedade e gravidade, um procedimento de criança? Aproximava-se de chofre do seu objetivo, embora este não viesse a tornar-se um objetivo real antes de cinco anos, no mínimo.

Acompanhei o respeitável cavalheiro à sala de jantar, e ali testemunhei um espetáculo curioso. Rubro de raiva e despeito, Julião Mastakovitch perseguia o menino ruivo, o qual, recuando cada vez mais, já não sabia para onde correr:

— Sai daqui? Que diabo vens fazer aqui, velhaco? Vieste roubar frutas, hem? Vieste? Fora daqui, patife! Vai, fedelho, procura os teus camaradas!

Espantado, o pequeno recorreu a um expediente extremo: foi esconder-se debaixo da mesa. Então o seu seguidor, no auge da excitação, puxou do bolso o grande lenço de batista e, brandindo-o, procurou enxotar o menino do seu esconderijo. Este se encolhia caladinho, sem se mexer. Cumpre observar que Julião Mastakovitch era um tanto gordo: rapaz bem nutrido, corado, barrigudo, de pernas robustas — em uma palavra, como se costuma dizer, redondo e forte como uma noz. Suava, enrubescia, arfava terrivelmente. Estava exasperado por um sentimento de indignação e, quem sabe, de ciúme.

Não pude conter uma gargalhada, Julião Mastakovitch virou-se e, a despeito de toda a sua importância, ficou mortalmente acanhado. Neste instante, na porta oposta, apareceu o dono da casa. O ruivinho saiu logo do esconderijo e pôs-se a limpar os joelhos e os cotovelos. Julião Mastakovitch, com um gesto rápido, levou ao nariz o lenço que tinha na mão, seguro por uma das extremidades.

O dono da casa fitava-nos aos três, perplexo; mas, como homem que conhece a vida e a considera pelo lado

---

---

---

sério, resolveu aproveitar a circunstância de encontrar-se quase a sós com o seu hóspede.

— É este o menino — disse indicando o ruivinho — que tive a honra de lhe recomendar...

— É? — respondeu Julião Mastakovitch, que ainda não voltara inteiramente a si.

— É filho da governanta de meus filhos — proseguiu o dono da casa em tom de solicitação —, uma senhora pobre, viúva de um funcionário honesto; portanto, Julião Mastakovitch... se for possível...

— Mas não é! — exclamou sem demora Julião Mastakovitch. — Perdoe-me, Filipe Alexeievitch, é totalmente impossível. Pedi informações... No momento não há vaga, e, ainda que houvesse, já se têm dez candidatas, cada um mais qualificado que este... Sinto muito... muitíssimo...

— É pena — disse o dono da casa — É um menino bonzinho, modesto...

— Pelo que vejo, é um grandíssimo vadio — estourou Julião Mastakovitch, com uma cara histérica. — Sai daí, menino. Que é que tu queres aí? Vai brincar com teus camaradas — disse ainda, voltando-se para o ruivinho.

Não conseguindo mais conter-se, olhou para mim de soslaio. Por minha vez, não pude deixar de lhe rir deliberadamente nas barbas. Ele desviou de mim os olhos, e em voz alta perguntou ao dono da casa quem era aquele rapaz esquisito. Saíram os dois da sala cochichando. Vi que Julião Mastakovitch, ouvindo as explicações de seu hospedeiro, abanava a cabeça, meio desconfiado.

Ri a bom rir com os meus botões, e voltei ao salão. Rodeado de mães, de papais e dos donos da casa, o grande homem explicava alguma coisa com muito calor a uma senhora a quem acabavam de apresentá-lo. Esta seguira pela mão a menina com quem, dez minutos antes, Julião Mastakovitch representara a sua cena no pequeno salão. Agora ele estava-se derramando em extáticos elogios

à beleza, aos talentos, à graça e à boa educação da gentil menina. Manifestamente engodava a mamãezinha, que o escutava quase com lágrimas de enlevo. Os lábios do pai sorriam. O dono da casa alegrava-se com essas alegres efusões. Os próprios convidados tomavam parte no júbilo; até os brinquedos das crianças foram suspensos para não se perturbar a conversa. Era uma atmosfera quase religiosa. Logo depois, ouvi a mãe da interessante pequena, comovida até o fundo da alma, pedir a Julião Mastakovitch, com expressões escolhidas, que lhe desse a subida honra de distinguir-lhe a casa com sua preciosa visita, e ele aceitou o convite com entusiasmo; enfim, ouvi os demais convidados, no momento da despedida, expandirem-se, como o exigiam as conveniências, em louvores comovidos ao rico negociante, a sua mulher e a sua filha, e principalmente a Julião Mastakovitch.

— É casado esse cavalheiro? — perguntei em voz quase alta a um conhecido que estava mais perto dele.

Julião Mastakovitch enviou-me um olhar indagador e feroz.

— Não — disse-me o meu conhecido, profundamente penalizado com a leviandade que eu de propósito cometera.

Passava eu, há pouco tempo, em frente à igreja de \*\*\*, quando um grande ajuntamento me despertou a atenção. Em redor falava-se de um casamento. O dia estava nublado, começava a choviscar; entrei na igreja abrindo caminho através da multidão. Logo avistei o noivo. Era um rapaz baixo, gordo, bem-nutrido, de ventre ponderável, muito enfeitado, que corria para todos os lados, se agitava sem parar, dava ordens. Enfim, levantou-se um murmúrio de vozes anunciando a chegada da noiva. Fendi a turba de curiosos e vi uma jovem de admirável beleza, para quem a primavera apenas começava. Mas estava pálida e parecia triste a linda noiva. Olhava distraída e tinha os olhos vermelhos, o que me deu impressão de lágrimas recentes. A

severidade clássica de suas feições emprestava-lhe à beleza uma expressão algo solene. Através daquela severidade, daquela gravidade, de toda aquela tristeza, transpareciam os traços de uma criança inocente, algo de incrivelmente ingênuo, juvenil e ainda não formado, que parecia, sem palavras, implorar piedade.

Ouvi observar que ela mal acabava de completar 16 anos. Examinando atento o noivo, nele reconheci Julião Mastakovitch, que eu não via desde cinco anos. Olhei para ela... Meu Deus! Fendi a multidão outra vez para sair da igreja o mais breve possível. Ainda ouvi um espectador dizer que a noiva era rica, que tinha quinhentos mil rublos de dote... e não sei mais quanto para o enxoval.

– “Então o cálculo era justo” – disse comigo.

E saí para a rua.

**Extraído:**

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: o romantismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 3. (Mar de História, 3).

## 10

## O EMPRÉSTIMO

Machado de Assis

Vou divulgar uma anedota, mas uma anedota no genuíno sentido do vocábulo, que o vulgo ampliou às historietas de pura invenção. Esta é verdadeira; podia citar algumas pessoas que a sabem tão bem como eu. Nem ela andou recôndita, senão por falta de um espírito repousado, que lhe achasse a filosofia. Como deveis saber, há em todas as cousas um sentido filosófico. Carlyle<sup>6</sup> descobriu o dos coletes, ou, mais propriamente, o do vestuário; e ninguém ignora que os números, muito antes da loteria do Ipiranga, formavam o sistema de Pitágoras<sup>7</sup>. Pela minha parte creio ter decifrado este casode empréstimo; ides ver se me engano.

E, para começar, emendemos Sêneca<sup>8</sup>. Cada dia, ao parecer daquele moralista, é, em si mesmo, uma vida singular; por outros termos, uma vida dentro da vida. Não digo que não; mas por que não acrescentou ele que muitas vezes uma só hora é a representação de uma vida inteira? Vede este rapaz: entra no mundo com uma grande ambição, uma pasta de ministro, um Banco, uma coroa de visconde, um báculo pastoral. Aos cinquenta anos, vamos achá-lo simples apontador de alfândega, ou sacristão da roça. Tudo isso que se passou em trinta anos, pode algum Balzac<sup>9</sup> metê-lo em trezentas páginas; por que não há de

---

6 Carlyle: Thomas Carlyle, escritor inglês, nascido na Escócia (1795-1881).

7 Pitágoras: filósofo grego (séc. VI a séc. V a.C.).

8 Sêneca: Lúcio Sêneca, filósofo latino, nascido em Córdova (c. 4 a.C.-65 d.C.).

9 A respeito de Balzac, v. *Mar de histórias*, vol. 3.

---



---



---



a vida, que foi a mestra de Balzac, apertá-lo em trinta ou sessenta minutos?

Tinham batido quatro horas no cartório do tabelião Vaz Nunes, à rua do Rosário. Os escreventes deram ainda as últimas penas: depois limpavam as penas de ganso na ponta de seda preta que pendia da gaveta ao lado; fecharam as gavetas, concertaram os papéis, arrumaram os livros, lavaram as mãos; alguns, que mudavam de paletó à entrada, despiram o do trabalho e enfiaram o da rua; todos saíram. Vaz Nunes ficou só.

Este honesto tabelião era um dos homens mais perspicazes do século. Está morto: podemos elogiá-lo à vontade. Tinha um olhar de lanceta, cortante e agudo. Ele adivinhava o caráter das pessoas que o buscavam para escrever os seus acordos e resoluções; conhecia a alma de um testador muito antes de acabar o testamento; farejava as manhas secretas e os pensamentos reservados. Usava óculos, como todos os tabeliões de teatro; mas, não sendo míope, olhava por cima deles, quando queria ver, e através deles, se pretendia não ser visto. Finório como ele só, diziam os escreventes. Em todo o caso, circunspecto. Tinha cinquenta anos, era viúvo, sem filhos, e, para falar como alguns outros serventuários, roía muito caladinho os seus duzentos contos de réis.

– Quem é? perguntou ele de repente olhando para a porta da rua.

Estava à porta, parado na soleira, um homem que ele não conheceu logo, e mal pôde reconhecer daí a pouco. Vaz Nunes pediu-lhe o favor de entrar; ele obedeceu, cumpriu-o, estendeu-lhe a mão, e sentou-se na cadeira ao pé da mesa. Não trazia o acanho natural a um pedinte; ao contrário, parecia que não vinha ali senão para dar ao tabelião alguma cousa preciosíssima e rara. E, não obstante, Vaz Nunes estremeceu e esperou.

– Não se lembra de mim?

---

---

---

– Não me lembro...

– Estivemos juntos uma noite, há alguns meses, na Tijuca... Não se lembra? Em casa do Teodorico, aquela grande ceia de Natal; por sinal que lhe fiz uma saúde... Veja se se lembra do Custódio.

– Ah!

Custódio endireitou o busto, que até então inclinara um pouco. Era um homem de quarenta anos. Vestia pobremente, mas escovado, apertado, correto. Usava unhas longas, curadas com esmero, e tinha as mãos muito bem-talhadas, macias, ao contrário da pele do rosto, que era agreste. Notícias mínimas, e aliás necessárias ao complemento de um certo ar duplo que distinguia este homem, um ar de pedinte e general. Na rua, andando, sem almoço e sem vintém, parecia levar após si um Exército. A causa não era outra mais do que o contraste entre a natureza e a situação, entre a alma e a vida. Esse Custódio nascera com a vocação da riqueza, sem a vocação do trabalho. Tinha o instinto das elegâncias, o amor do supérfluo, da boa xira<sup>10</sup>, das belas damas, dos tapetes finos, dos móveis raros, um voluptuoso, e, até certo ponto, um artista, capaz de reger a vila Torloni ou a galeria Hamilton. Mas não tinha dinheiro; nem dinheiro, nem aptidão ou pachorra de o ganhar; por outro lado, precisava viver. *Il faut bien que je vive*<sup>11</sup>, dizia um pretendente ao ministro Talleyrand. *Je n'en vois pas la nécessité*<sup>12</sup>, redarguiu friamente o ministro. Ninguém dava essa resposta ao Custódio; davam-lhe dinheiro, um dez, outro cinco, outro vinte mil-réis, e de tais espórtulas é que ele principalmente tirava o albergue e a comida.

Digo que principalmente vivia delas, porque o Custódio não recusava meter-se em alguns negócios, com a condição de os escolher, e escolhia sempre os que não pres-tavam para nada. Tinha o faro das catástrofes. Entre vinte

10 Boa xira: boa alimentação, bom passadio; bona-xira.

11 *Il faut bien que je vive*(francês): "É preciso que eu viva."

12 *Je n'en vois pas la nécessité*(francês): "Não vejo por quê."

empresas, adivinhava logo a insensata, e metia ombros a ela, com resolução. O caiporismo, que o perseguia, fazia com que as 19 prosperassem, e a vigésima lhe estourasse nas mãos. Não importa; aparelhava-se para outra.

Agora, por exemplo, leu um anúncio de alguém que pedia um sócio, com cinco contos de réis, para entrar em certo negócio, que prometia dar, nos primeiros seis meses, oitenta a cem contos de lucro. Custódio foi ter com o anunciante. Era uma grande ideia, uma fábrica de agulhas, indústria nova, de imenso futuro. E os planos, os desenhos da fábrica, os relatórios de Birmingham, os mapas de importação, as respostas dos alfaiates, dos donos de armarinho etc., todos os documentos de um longo inquérito passavam diante dos olhos de Custódio, estrelados de algarismos, que ele não entendia, e que por isso mesmo lhe pareciam dogmáticos. Vinte e quatro horas; não pedia mais de 24 horas para trazer os cinco contos. E saiu dali, cortejado, animado pelo anunciante, que, ainda à porta, o afagou numa torrente de saldos. Mas os cinco contos, menos dóceis ou menos vagabundos que os cinco mil-réis, sacudiam incredulamente a cabeça, e deixavam-se estar nas arcas, tolhidos de medo e de sono. Nada. Oito ou dez amigos, a quem falou, disseram-lhe que nem dispunham agora da soma pedida, nem acreditavam na fábrica. Tinha perdido as esperanças, quando aconteceu subir a rua do Rosário e ler no portal de um cartório o nome de Vaz Nunes. Estremeceu de alegria; recordou a Tijuca, as maneiras do tabelião, as frases com que ele lhe respondeu ao brinde, e disse consigo que este era o salvador da situação.

— Venho pedir-lhe uma escritura...

Vaz Nunes, armado para outro começo, não respondeu: espiou para cima dos óculos e esperou.

— Uma escritura de gratidão, explicou o Custódio; venho pedir-lhe um grande favor, um favor indispensável, e conto que o meu amigo...

---

---

---

— Se estiver nas minhas mãos...

— O negócio é excelente, note-se bem; um negócio magnífico. Nem eu me metia a incomodar os outros sem certeza do resultado. A cousa está pronta; foram já encomendas para a Inglaterra; e é provável que dentro de dois meses esteja tudo montado, é uma indústria nova. Somos três sócios; a minha parte são cinco contos. Venho pedir-lhe esta quantia, a seis meses — ou a três, com juro módico...

— Cinco contos?

— Sim, senhor.

— Mas, sr. Custódio, não disponho de tão grande quantia. Os negócios andam mal; e ainda que andassem muito bem, não poderia dispor de tanto. Quem é que pode esperar cinco contos de um modesto tabelião de notas?

— Ora, se o senhor quisesse...

— Quero, decerto; digo-lhe que se se tratasse de uma quantia pequena, acomodada aos meus recursos, não teria dúvida em adiantá-la. Mas cinco contos! Creia que é impossível.

A alma do Custódio caiu de bruços. Subira pela escada de Jacó até o Céu; mas em vez de descer como os anjos no sonho bíblico, rolou abaixo e caiu de bruços. Era a última esperança; e justamente por ter sido inesperada, é que ele supôs que fosse certa, pois, como todos os corações que se entregam ao regímen do eventual, o do Custódio era supersticioso. O pobre-diabo sentiu enterrarem-se-lhe no corpo os milhões de agulhas que a fábrica teria de produzir no primeiro semestre. Calado, com os olhos no chão, esperou que o tabelião continuasse, que se compadecesse, que lhe desse alguma aberta; mas o tabelião, que lia isso mesmo na alma do Custódio, estava também calado, girando entre os dedos a boceta de rapé, respirando grosso, com um certo chiado nasal e implicante. Custódio ensaiou todas as atitudes; ora pedinte, ora general. O tabelião não se mexia. Custódio ergueu-se.

---

---

---

– Bem, disse ele, com uma pontazinha de despeito, há de perdoar o incômodo...

– Não há o que perdoar; eu é que lhe peço desculpas de não poder servi-lo, como desejava. Repito: se fosse alguma quantia menos avultada, não teria dúvida; mas...

Estendeu a mão ao Custódio, que com a esquerda pegara maquinalmente no chapéu. O olhar empanado do Custódio exprimia a absorção da alma dele, apenas convalescida da queda que lhe tirara as últimas energias. Nenhuma escada misteriosa, nenhum céu; tudo voara a um piparote do tabelião. Adeus, agulhas! A realidade veio tomá-lo outra vez com as suas unhas de bronze. Tinha de voltar ao precário, ao adventício, às velhas contas, com os grandes zeros arregalados e os cifrões retorcidos à laia de orelhas, que continuariam a fitá-lo e a ouvi-lo, a ouvi-lo e a fitá-lo, alongando para ele os algarismos implacáveis de fome. Que queda! e que abismo! Desenganado, olhou para o tabelião com um gesto de despedida; mas, uma ideia súbita clareou-lhe a noute do cérebro. Se a quantia fosse menor, Vaz Nunes poderia servi-lo, e com prazer; por que não seria uma quantia menor? Já agora abria mão da empresa; mas não podia fazer o mesmo a uns aluguéis atrasados, a dous ou três credores etc., e uma soma razoável, quinhentos mil-réis, por exemplo, uma vez que o tabelião tinha a boa vontade de emprestar-lhos, vinham a ponto. A alma do Custódio empertigou-se; vivia do presente, nada queria saber do passado, nem saudades, nem temores, nem remorsos. O presente era tudo. O presente eram os quinhentos mil-réis, que ele ia ver surdir da algibeira do tabelião, como um alvará de liberdade.

– Pois bem, disse ele, veja o que me pode dar, e eu irei ter com outros amigos... Quanto?

– Não posso dizer nada a este respeito, porque realmente só uma cousa muito modesta.

– Quinhentos mil-réis?

---

---

---

— Não; não posso.

— Nem quinhentos mil-réis?

— Nem isso, replicou firme o tabelião. De que se admira? Não lhe nego que tenho algumas propriedades; mas, meu amigo, não ando com elas no bolso; e tenho certas obrigações particulares... Diga-me, não está empregado?

— Não, senhor.

— Olhe; dou-lhe cousa melhor do que quinhentos mil-réis; falarei ao ministro da Justiça, tenho relações com ele, e...

Custódio interrompeu-o, batendo uma palmada no joelho. Se foi um movimento natural, ou uma diversão astuciosa para não conversar do emprego, é o que totalmente ignoro; nem parece que seja essencial ao caso. O essencial é que ele teimou na súplica. Não podia dar quinhentos mil-réis? Aceitava duzentos; bastavam-lhe duzentos, não para a empresa, pois adotava o conselho dos amigos: ia recusá-la. Os duzentos mil-réis, visto que o tabelião estava disposto a ajudá-lo, eram para uma necessidade urgente — “tapar um buraco”. E então relatou tudo, respondeu à franqueza com franqueza: era a regra da sua vida. Confessou que, ao tratar da grande empresa, tivera em mente acudir também a um credor pertinaz, um diabo, um judeu, que rigorosamente ainda lhe devia, mas tivera a aleivosia de trocar de posição. Eram duzentos e poucos mil-réis; e dez, parece; mas aceitava duzentos...

— Realmente, custa-me repetir-lhe o que disse; mas, enfim, nem os duzentos mil-réis posso dar. Cem mesmo, se o senhor os pedisse, estão acima das minhas forças nesta ocasião. Noutra pode ser, e não tenho dúvida, mas agora...

— Não imagina os apuros em que estou!

— Nem cem, repito. Tenho tido muitas dificuldades nestes últimos tempos. Sociedades, subscrições, maçonaria... Custa-lhe crer, não é? Naturalmente: um proprietário. Mas, meu amigo, é muito bom ter casas: o senhor é que não

conta os estragos, os concertos, as penas-d'água, as décimas, o seguro, os calotes etc. São os buracos do pote, por onde vai a maior parte da água...

– Tivesse eu um pote! suspirou Custódio.

– Não digo que não. O que digo é que não basta ter casas para não ter cuidados, despesas, e até credores... Crea o senhor que também eu tenho credores.

– Nem cem mil-réis?

– Nem cem mil-réis, pesa-me dizê-lo, mas é verdade. Nem cem mil-réis. Que horas são?

Levantou-se, e veio ao meio da sala. Custódio veio também, arrastado, desesperado. Não podia acabar de crer que o tabelião não tivesse ao menos cem mil-réis. Quem é que não tem cem mil-réis consigo? Cogitou uma cena patética, mas o cartório abria para a rua; seria ridículo. Olhou para fora. Na loja fronteira, um sujeito apreçava uma sobrecasaca, à porta, porque entardecia depressa, e o interior era escuro. O caixeiro segurava a obra no ar; o freguês examinava o pano com a vista e com os dedos, depois as costuras, o forro... Este incidente rasgou-lhe um horizonte novo, embora modesto; era tempo de aposentar o paletó que trazia. Mas nem cinquenta mil-réis podia dar-lhe o tabelião. Custódio sorriu – não de desdém, não de raiva, mas de amargura e dúvida; era impossível que ele não tivesse cinquenta mil-réis. Vinte, ao menos? Nem vinte. Nem vinte! Não; falso tudo, tudo mentira.

Custódio tirou o lenço, alisou o chapéu devagarinho; depois guardou o lenço, concertou a gravata, com um ar misto de esperança e despeito. Viera cerceando as asas à ambição, pluma a pluma; restava ainda uma penugem curta e fina, que lhe metia umas veleidades de voar. Mas o outro, nada. Vaz Nunes cotejava o relógio da parede com o do bolso, chegava este ao ouvido, limpava o mostrador, calado, transpirando por todos os poros impaciência e fastio. Estavam a pingar as cinco, enfim, e o tabelião, que as

esperava, desengatilhou a despedida. Era tarde; morava longe. Dizendo isto, despiu o paletó de alpaca, e vestiu o de casimira, mudou de um para outro a boceta de rapé, o lenço, a carteira... Oh! a carteira! Custódio viu esse utensílio problemático, apalpou-o com os olhos; invejou a alpaca, invejou a casimira, quis ser algibeira, quis ser o couro, a matéria mesma do precioso receptáculo. Lá vai ela; mergulhou de todo no bolso do peito esquerdo; o tabelião abotoou-se. Nem vinte mil-réis! Era impossível que não levasse ali vinte mil-réis, pensava ele; não diria duzentos, mas vinte, dez que fossem...

– Pronto! disse-lhe Vaz Nunes, com o chapéu na cabeça.

Era o fatal instante. Nenhuma palavra do tabelião, um convite ao menos, para jantar; nada; findara tudo. Mas os momentos supremos pedem energias supremas. Custódio sentiu toda a força deste lugar-comum, e, súbito, como um tiro, perguntou ao tabelião se não lhe podia dar ao menos dez mil-réis.

– Quer ver?

E o tabelião desabotoou o paletó, tirou a carteira, abriu-a, e mostrou-lhe duas notas de cinco mil-réis.

– Não tenho mais, disse ele; o que posso fazer é reparti-los com o senhor; dou-lhe uma de cinco, e fico com a outra; serve-lhe?

Custódio aceitou os cinco mil-réis, não triste, ou de má cara, mas risonho, palpitante, como se viesse de conquistar a Ásia Menor. Era o jantar certo. Estendeu a mão ao outro, agradeceu-lhe o obséquio, despediu-se até breve – um até breve cheio de afirmações implícitas. Depois saiu; o pedinte esvaiu-se à porta do cartório; o general é que foi por ali abaixo, pisando rijo, encarando fraternalmente os ingleses do comércio que subiam a rua para se transportarem aos arrabaldes. Nunca o céu lhe pareceu tão azul, nem a tarde tão límpida; todos os homens traziam na retina a alma da



hospitalidade. Com a mão esquerda no bolso das calças, ele apertava amorosamente os cinco mil-réis, resíduo de uma grande ambição, que ainda há pouco saíra contra o sol, num ímpeto de águia, e ora habita modestamente as asas de frango rasteiro.

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: o realismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 5. (Mar de História, 5).

Josimar Rodrigues  
<https://josimar.com.br>

## LISTA DE CONTOS

<b>O anel de bronze</b> - <i>Traditions Populaires</i> .....	5
<b>O Fogão de Ferro</b> - <i>Irmãos Grimm</i> .....	19
<b>A Serpente de Sete Cabeças</b> - <i>Bernhard Schmidt</i> .....	27
<b>O Príncipe Invisível</b> - <i>Louise Cavelier Levesque</i> .....	33
<b>O apanhador de Ratos</b> - <i>Ch. Marelles</i> .....	49
<b>O Fazendeiro Barbatempo</b> - <i>P. C. Asbjørnsen</i> .....	57
<b>O mendigo e a donzela orgulhosa</b> - <i>Rainer Maria Rilke</i> 67	
<b>O homem que sabia javanês</b> - <i>Lima Barreto</i> .....	73
<b>Uma árvore de natal e um casamento</b> - <i>Fiodor Dostoiévski</i> 85	
<b>O empréstimo</b> - <i>Machado de Assis</i> .....	95

Josimar Rodrigues  
<https://josimar.com.br>

Josimar Rodrigues  
<https://josimar.com.br>

Josimar Rodrigues  
<https://josimar.com.br>

